

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Imprensa política e memória: eleição presidencial de 1989 e o Jornal Correio de
Uberlândia.

LUANA PAIVA MENDONÇA

LUANA PAIVA MENDONÇA

Imprensa política e memória: eleição presidencial de 1989 e o Jornal Correio de
Uberlândia.

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial
para obtenção do título de Bacharel em
História, sob a orientação da Profa. Dra.
Célia Rocha Calvo.

Uberlândia, Outubro de 2013.

LUANA PAIVA MENDONÇA

Imprensa política e memória: eleição presidencial de 1989 e o Jornal Correio de
Uberlândia.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Célia Rocha Calvo – Orientadora

Prof. Gilberto Noronha

Prof. Sérgio Paulo Morais

Ficha Catalográfica

Mendonça, Luana Paiva, 1986.

Imprensa política e memória: eleição presidencial de 1989 e o Jornal Correio de Uberlândia. (1989)

Luana Paiva Mendonça – Uberlândia, 2013.

81 folhas

Orientadora: Célia Rocha Calvo

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História

Inclui Bibliografia

Palavras chave: Imprensa, memória e política.

Agradecimentos

“Agradeço a minha professora orientadora Dra. Célia Rocha Calvo que me incentivou a pesquisar sobre a imprensa, pela paciência na orientação o que tornou possível a conclusão desta monografia, agradeço também a todos os professores do curso, que tanto me ensinaram e foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta pesquisa.”

Resumo

A presente monografia versa sobre imprensa, política e memória durante a eleição presidencial de 1989, tendo como fonte o Jornal Correio de Uberlândia. Este trabalho analisa os projetos de sociedade que estavam em disputa nesse período, bem como, as construções e articulações realizadas pela imprensa, no intuito de concretizar os projetos de sociedade defendidos pela classe dominante, em benefício apenas dessa minoria. Problematisa a maneira como o perfil dos candidatos foi sendo construído pela imprensa local através do Jornal Correio de Uberlândia, o papel desempenhado pelos meios de comunicação na vitória de Collor como presidente da república e problematisa ainda, como Fernando Collor de Mello se tornou um produto a ser consumido nas urnas de 1989.

Sumário

Introdução-----	07
Capítulo 1. O primeiro turno da eleição para a Presidência da República de 1989-----	13
1.1. Quem é o Jornal Correio de Uberlândia e para quem ele fala? ----	13
1.2. A construção do perfil dos candidatos -----	27
Capítulo 2. O segundo turno da eleição para a Presidência da República de 1989-----	52
Considerações Finais-----	75
Fontes-----	79
Referências Bibliográficas-----	80

Introdução

A eleição de 1989 para presidência da república elegeu o candidato Fernando Collor de Mello, que foi o vencedor tanto nas urnas do Brasil quanto nas urnas de Uberlândia. A partir da análise do Jornal Correio de Uberlândia, a presente monografia pretende entender por que os eleitores uberlandenses deram essa vitória à Collor, por que as propostas de Collor foram vencedoras e as propostas dos outros candidatos não.

Quais fatores contribuíram para Collor ter vencido? Certamente, não foi porque ele era o melhor e tinha mesmo que vencer, mas sim porque uma série de injunções foram feitas para que ele ganhasse. É isso que precisa ser desvendado.¹

Meu interesse em pesquisar sobre o tema surgiu durante o curso de História e concomitantemente durante o curso de Direito visto que cursei até certo momento os dois cursos juntos. Posteriormente, me vi obrigada a realizar alguns trancamentos no curso de História para me formar em Direito, ser aprovada na OAB e, enfim, me tornei advogada.

Sempre me interessei por questões ligadas à política no Brasil e na cidade de Uberlândia. Em especial, o fato da eleição de 1989 ter sido a primeira em que a população escolheu diretamente o presidente da república após quase 30 anos de ditadura militar, me despertou a vontade de pesquisar sobre as memórias produzidas nesse período pela mídia e principalmente pela imprensa. Considerando que a imprensa é uma força ativa no processo de constituição dos interesses dominantes, instigou-me descobrir como o Jornal Correio constrói suas produções em um tempo histórico tão importante para o País e para Uberlândia. Busquei entender como esses interesses se fazem presentes no modo como o jornal articula suas publicações durante o processo eleitoral. Quem são os interlocutores do jornal? Para quem e sobre quem escrevem? De que forma o jornal vai construindo o perfil dos candidatos e classificando-os como de direita e de esquerda.

O jornal Correio de Uberlândia foi escolhido como fonte por ser o de maior circulação na cidade, sendo que este é preservado no Arquivo Público de Uberlândia, no CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História – e na Biblioteca Pública

¹Imprensa como agente, notadamente no sentido do jornal enquanto produtor/agente nesse processo.

Municipal de Uberlândia. Sendo que, o jornal é considerado uma fonte autorizada pela Prefeitura de Uberlândia, atribuindo-lhe credibilidade a memória nele produzida. Durante a pesquisa observei a disposição das páginas, manchetes, artigos, colunas e anúncios publicitários. A partir dessa análise, percebi que a organização do jornal é produzida em prol dos interesses de seus proprietários. A exemplo disso, os principais jornalistas do Correio eram também diretores e redatores do jornal, além de terem suas colunas diárias inseridas dentro do caderno de política.

Dessa forma, é necessário estabelecer um diálogo com a fonte para problematizar todas as questões que envolvem o tema. Analisar as construções estabelecidas e as vozes dos vários sujeitos históricos. Tal diálogo também foi realizado com outras produções acadêmicas encontradas no CDHIS, tais como monografias e dissertações de mestrado que pesquisaram sobre a imprensa.

A dissertação de Orlanda Rodrigues Fernandes, “*Uberlândia Imprensa: a década de 1960 nas páginas do jornal*”² problematiza o posicionamento dos sujeitos que compunham o Jornal Correio de Uberlândia na década de 1960, a fim de compreender de que forma a imprensa constitui-se enquanto prática social de sujeitos específicos na cidade de Uberlândia. Sendo certo que tal diálogo com esses trabalhos é essencial para dar voz aos vários sujeitos através de outras perspectivas além das abordadas pelo jornal.

Na obra de Teresinha Mendes Marra³ - “*O encantador de marajás*” – a autora analisa a história política brasileira no final da década de 1980 e se debruça principalmente sobre o discurso de posse de Fernando Collor de Mello como presidente da República. Nesse sentido, estabelecer um diálogo com a referida obra foi de extrema valia para esta monografia.

Na tentativa de abranger todas essas questões torna-se imperioso ampliar a noção de investigação do historiador, mudando o foco, a percepção e concepção em história. Nesse propósito, nos ensina Maria do Pilar de Araújo que

²FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *Uberlândia Imprensa: a década de 1960 nas páginas do jornal*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

³Teresinha Aparecida Mendes Marra possui Graduação em História pela Universidade Católica de Goiás, Mestrado em História pela Universidade de Brasília (1991) e Doutorado em História pela Universidade de Brasília (2000). Tem como linha de pesquisa “História: discurso, imaginário e cotidiano”.

*O pesquisador, em vez de estar preocupado em adotar esta ou aquela técnica “própria” para desvendar esta ou aquela linguagem, deve estar criando procedimentos que dêem conta de desvendar o lugar social onde foi produzida, procurando responder à questão por que as coisas representadas de uma determinada maneira, antes de se preocupar em responder o que está representando. É preciso desvendar o lugar social que a fonte está inserida, descobrindo do que se fala, como se fala, de onde se fala e para quem fala.*⁴

Nesse sentido, é preciso abandonar a idéia de que o documento escrito é imparcial e traduz a realidade. Pensando assim, estaríamos excluindo toda a noção de intencionalidade contida na pesquisa. Na obra “A pesquisa em História”, as autoras sugerem que

*O documento não fala por si mesmo, mas necessita de perguntas adequadas. A intencionalidade passa a ser alvo de preocupação por parte do historiador, num duplo sentido: a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do pesquisador ao se cercar desse documento. Dessa maneira, a partir de interesses preciosos no presente, o historiador escolhe os materiais (documentos) com os quais irá trabalhar e formula as perguntas que lhe pareceram pertinentes. Nessa prática, progressivamente, o ponto de partida da investigação passa do documento para o problema.*⁵

Partindo dessa premissa, observa-se que o documento não fala por si só, depende da pergunta feita pelo pesquisador e dos métodos que ele vai empregar na investigação desse documento. Dessa forma, a imprensa não pode mais ser vista como fonte fidedigna e imparcial. Como entendem as autoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto “*todo documento é suporte da prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui.*”⁶ Não obstante, considerando a relevância do Jornal Correio de Uberlândia como fonte de pesquisa para essa monografia, destaca-se sua significativa contribuição e aplicação no fazer histórico. Entretanto, a informação jornalística se torna um instrumento

⁴ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. A pesquisa em História. São Paulo: Ática, 3ª ed., 1995, p. 22.

⁵ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. A pesquisa em História. São Paulo: Ática, 3ª ed., 1995, p. 15

⁶ CRUZ, Faria de Heloisa. PEIXOTO, Cunha da Rosário do Maria. Na oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 258, Dez 2007.

veiculador e manipulador de interesses, difundindo idéias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista, sendo um aparato ideológico atrelado a determinado grupo que busca influenciar as pessoas. O jornal é uma fonte que está permeada pelos embates sociais de seu tempo. É nesse cenário que irei evidenciar como o Jornal Correio de Uberlândia seleciona e evidencia partes de uma realidade, privilegiando alguns fatos e acontecimentos em detrimento de outros, em prol de interesses específicos.

Como indicam as autoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto “*pensar a imprensa com esta perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas.*”⁷ Não só a pesquisa que trabalha com a imprensa, mas todo documento nos remete às noções de subjetividade e intencionalidade da fonte histórica, notadamente no que se refere à imprensa como formadora de opinião e sua estreita relação com as classes dominantes. Orlanda Rodrigues Fernandes, em sua dissertação afirma que

*O que reforça o poder de persuasão dos periódicos é sua aparente isenção e neutralidade dada pela tentativa de informar e não comentar os fatos, ou seja, a imprensa produz uma versão que transforma o fato em informação. Ao mesmo tempo em que institui um posicionamento, congela-o como sendo fato, padroniza-o dentro de uma linguagem que se autoriza como neutra.*⁸

Nesse sentido, é preciso desvendar quem são os sujeitos que constroem o jornal, ou seja, seus proprietários, patrocinadores e grupos que representa, isso porque os projetos de sociedade são construídos e articulados pela imprensa segundo seus interesses particulares. A imprensa se coloca como verdade e produz uma memória autorizada sobre a cidade. Por isso, veio o interesse de problematizar e refletir sobre sua produção, para entender as relações e disputas que permeiam esse lugar social no qual o jornal está inserido, sem perder de vista a forma como o jornal está sendo utilizado para difundir opiniões, posicionamentos e valores.

⁷CRUZ, Faria de Heloisa. PEIXOTO, Cunha da Rosário do Maria. Na oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 257, Dez 2007.

⁸FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *Uberlândia Imprensa: a década de 1960 nas páginas do jornal*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008, p. 20.

É preciso delimitar os grupos produtores do jornal e qual é o público leitor a ser atingido, em outras palavras, saber quem fala e para quem fala. Descobrir quem são os proprietários do jornal, seus diretores, redatores e patrocinadores no sentido de elucidar quais são as possíveis alianças e projetos a serem defendidos.

Além disso, analiso a maneira que o perfil dos candidatos à presidência da república em 1989 foi construído pelo Jornal Correio de Uberlândia, questionando as articulações e manobras realizadas para construir a imagem de Fernando Collor como o candidato ideal para governar o Brasil. Na pesquisa realizada no Arquivo Público de Uberlândia, tendo como fonte o Jornal Correio de Uberlândia no período compreendido entre janeiro a dezembro de 1989, pude identificar fortes indícios dessas questões, ou seja, a forma como o perfil dos candidatos é construído pelo jornal.

Pois bem, o importante será entender para quem o jornal Correio de Uberlândia escreve e que público busca atingir. Os destaques de reportagens, as entrevistas e as fotos dos candidatos demonstram claramente a predileção aos candidatos da direita, em especial, Fernando Collor, haja vista que, ao se referir ao candidato, o jornal estampa sua foto ocupando quase a folha inteira em forma de manchete; realiza entrevistas e divulga suas propostas políticas.

Em contrapartida, o candidato Lula e os demais candidatos da “esquerda” não recebem o mesmo tratamento, tendo em vista que a foto do candidato do PT é publicada de maneira discreta pelo jornal, que dedica apenas poucas linhas na divulgação do dia e a hora dos comícios a serem realizados na cidade, nem tampouco, as propostas de governo de Lula recebem destaque nas páginas do jornal.

Nesse sentido, é necessário considerar a imprensa como sendo agente/sujeito histórico de seu tempo, que revela em suas páginas o lugar social onde está inserida. Além disso, constrói o perfil do candidato ideal que o jornal – composto por seus proprietários, patrocinadores e a classe dominante da cidade de Uberlândia – quer seja eleito presidente do país, de acordo com os interesses de uma minoria representada pela elite da cidade.

Para analisar todas essas questões, organizo a monografia em dois capítulos, sendo que o primeiro capítulo se subdivide em dois itens. O primeiro item é dedicado a

organização do jornal, a divisão dos cadernos de política, economia, domingo e entre outros, identifico quem são os proprietários, patrocinadores, parceiros e financiadores do jornal com o propósito de entender quem é o jornal Correio e para quem ele fala. No segundo item – ainda dentro do primeiro capítulo – problematizo sobre a forma que o Correio constrói o perfil dos candidatos à presidência da república; a maneira que os jornalistas articulam as noções de direita e esquerda em suas produções e problematizo ainda sobre os projetos de sociedade que estavam em disputa durante o processo eleitoral.

No segundo capítulo, abordo o segundo turno da eleição analisando as articulações realizadas pelo Jornal Correio em defesa dos interesses da classe dominante, com o objetivo de que Lula não chegasse a se eleger presidente da república e, em contrapartida, Collor saísse vitorioso do segundo turno.

Nas considerações finais, retomo o objetivo principal desta monografia, que foi buscar entender como o Jornal Correio mobiliza seus leitores através de suas produções, articulando e construindo suas publicações e posicionamentos para viabilizar a efetivação dos projetos de sociedade que atendem a classe dominante da qual faz parte.

CAPÍTULO 1 – O primeiro turno da eleição para a Presidência da República de 1989.

Neste capítulo, analiso os bastidores da eleição de 1989 para a presidência da república até o momento em que Collor não consegue vencer em primeiro turno – realizado em 15 de Novembro de 1989 – apesar do esforço da imprensa e da mídia.

1.1 – Quem é o Jornal Correio de Uberlândia e para quem ele fala?

Com o intuito de compreender a memória produzida pelo Jornal Correio de Uberlândia e suas intenções, foi preciso conhecer seus organizadores, diretores, financiadores e redatores a fim de questionar os interesses que estão presentes nessa produção. Primeiramente, em relação à propriedade do jornal, cumpre evidenciar que no ano de 1986, o grupo ALGAR⁹ comprou o Jornal Correio de Uberlândia. Sendo que, este grupo econômico é até hoje proprietário do jornal, bem como, uma poderosa empresa de telecomunicações de projeção nacional e internacional.

A imparcialidade amplamente difundida pelo meio jornalístico corresponde à tentativa de se auto afirmar em um meio que é um formador de opinião, contudo, ao contrário do esforço empenhado na consolidação de seu caráter imparcial, nota-se uma gama de intenções e posicionamentos nesse tipo de produção, conforme anseios das classes dominantes em Uberlândia.

O colunista Nécio Rodrigues¹⁰, em 02 de Agosto de 1989, na coluna “*Confidencial*” escreveu matéria com o seguinte título: “*A imprensa redescobre o caminho*”. O texto afirma que a imprensa brasileira sofreu uma “redemocratização” pós ditadura militar, e principalmente, reforça a noção de objetividade dos jornalistas ao exercerem seu ofício. Vejamos trechos da referida matéria:

⁹Grupo empresarial brasileiro com sede em Uberlândia e que atua principalmente na Região Sudeste e Centro-Oeste, num processo de expansão para todo o país e exterior. Fundada por Alexandrino Garcia em 1954 com a intenção de implantar um sistema de comunicação, hoje é uma empresa que atua nas áreas de telecomunicações, agronegócios e entretenimento.

¹⁰ Nécio Rodrigues da Silveira era Diretor Geral de Operações do Correio e colunista do jornal.

*[...] A imprensa brasileira vem redescobrando o caminho. E é graças a esta nova postura de deixar de ser o **porta-voz** dos políticos para ser, acima de tudo, um crítico do processo social, que está sendo possível reconquistar o público. [...] A força da imprensa não está apenas na **veiculação** da notícia. Está, sobretudo, na capacidade que os jornalistas têm de, **noticiarem com isenção de fatos**, oferecerem subsídios para o efetivo julgamento popular. A **confiança** será tanto maior quanto for a **idoneidade** e a **isenção** do noticiário. Afinal, quem faz notícia não quer só vender o jornal ou vender som e imagem. Quer essencialmente contribuir para que a informação seja matéria-prima da **formação de conceitos**. É o desafio da **credibilidade**. E é bom perceber que a imprensa do país está vencendo este jogo e conquistando sua maturidade. É por aí que temos que continuar.* ¹¹
(negritos meus)

Primeiramente, o que salta aos olhos é a preocupação do jornalista Nércio Rodrigues em reconquistar o prestígio e a confiança do público, negando a postura de porta-voz dos políticos. Quer ter credibilidade para que suas colunas, matérias e textos em geral sirvam de subsídio para a formação de conceitos por parte do público leitor. Afirmando seu desejo de que o jornal sirva de matéria-prima para criação dos valores desses leitores.

Para legitimar essa proposta e tornar possível que esse objetivo seja alcançado, o jornalista apresenta os conceitos de objetividade, veiculação de notícia, isenção e idoneidade. Afirmar que o jornalista é despido de subjetividade, é isento e é idôneo ao exercer sua profissão. Demais disso, sustenta que o jornalista seria apenas um veiculador da notícia, ou seja, quer passar a noção de que o jornal é apenas como um depositário de acontecimentos e uma aglomeração de fatos. A pergunta a ser feita é: por que a imprensa quer servir de matéria-prima para formação de conceitos? Quais são os conceitos que a imprensa deseja que o público leitor forme ao ler o Jornal Correio?

Pois bem, se a imprensa conseguir a tão almejada credibilidade com o público e se tornar efetivamente subsídio para formação de conceitos, valores e opiniões dos leitores creio que, os conceitos formados a partir das leituras do JC serão aqueles atrelados aos interesses do próprio jornal – incluindo seus donos, editores, colunistas e entre outros – em

¹¹SILVEIRA, Nércio Rodrigues. *A imprensa redescobre o caminho*: Confidencial. 02 de Agosto de 1989. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 03.

conjunto com as alianças que ele estabelece com seus patrocinadores, assinantes, anunciantes e o governo local de Uberlândia.

Sendo que, no caso do Jornal Correio as alianças estabelecidas são com as grandes empresas da cidade, que devido a essa parceria ganham o direito de anunciarem em páginas inteiras de grande destaque do jornal; os assinantes são uma minoria representada pela classe média alta na cidade que se interessa por economia, avanço do capital e crescimento da cidade, que são os assuntos veiculados nas páginas do jornal, e, por último, o JC estabelece também alianças com o governo local da cidade, que em 1989 é liderado pela chamada “direita” e suas forças conservadoras, tais como o líder ruralista Odelmo Leão que era presidente do Sindicato Rural de Uberlândia e, Virgílio Galassi que era o prefeito da cidade. Dialogando com a dissertação de Orlanda Rodrigues Fernandes, é possível compreender que

*Em Uberlândia, grande parte da rede de comunicação na década de 1960 pertencia a uma classe dirigente que se beneficiava das atividades agrícolas e pecuárias e da especulação imobiliária, como também participava da esfera política articulando a produção cultural difundida pela imprensa com suas políticas públicas a fim de conquistar apoio para os projetos de cidade que os beneficiariam de alguma forma.*¹²

Assim, percebe-se que o principal jornal da cidade desde a década de 1960 compartilhava um projeto econômico liberal de sociedade, no qual o modelo de cidade a ser alcançado era aquele em que o progresso estava aliado à ordem e à paz social. Dessa forma, resta claro quais são os “conceitos” que o JC quer que o público leitor forme ao ler suas páginas. São em verdade, os conceitos, valores e opiniões que reforçam os projetos capitalistas de sociedade, tendo em vista que a construção e articulação desses projetos de “cidade ideal” liberal/burguesa nas páginas do periódico nos possibilita identificar os grupos sociais que o jornal representa.

Analisando as construções realizadas pelo JC é possível afirmar que este projeto de sociedade produz uma memória sobre Uberlândia como sendo uma cidade desenvolvida

¹²FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *Uberlândia Imprensa: a década de 1960 nas páginas do jornal*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008, p. 30.

e com necessidade de ampliar cada vez mais seus avanços econômicos através do liberalismo. Ou seja, dentro das escolhas dos fatos em detrimento de outros, do destaque a determinados posicionamentos, percebe-se que eram divulgados os modos de vida, de pensar e os anseios da classe dominante, com o objetivo de criar um modelo de sociedade do qual essa classe se beneficia e quer ver consolidado na cidade.

Cumprе ressaltar que o conceito de memória ultrapassa a simples recordação do passado que reproduz de forma fidedigna a realidade, mas que deve ser considerado como *“uma construção que traz à tona, segundo posições atuais, interpretações do real que já traziam em si pontos de vistas novamente reunidos.”*¹³ Dessa forma, os posicionamentos do jornal ao serem vistos como espelho daquilo que de fato ocorreu, poderão ter o condão de ocultar e apagar questões diversas a fim de atender interesses particulares.

Na tentativa de legitimar um projeto de cidade de acordo com seus interesses, a classe dominante alia-se ao jornal para fazer com que esse projeto seja aceito como o melhor para a cidade de Uberlândia. Nesse sentido, não é por acaso que as propostas de Collor aparecem nas páginas do jornal como aquelas mais sensatas, coerentes e que vão trazer benefícios para os “uberlandenses”.

Observa-se que a cidade ideal que aparecia no jornal era aquela que atendia os interesses da classe dominante, ou seja, desenvolvimentista e sempre vinculada aos ideais de progresso através do liberalismo econômico. Assim, no campo da luta de classes aquela que é dominante vai buscar o consenso da população para legitimar suas visões de mundo e generalizar seus ideais de acordo com seus anseios particulares.

De acordo com o discurso de imparcialidade da imprensa, o jornalista Nárcio Rodrigues em 10 de Setembro de 1989, na coluna “Caro leitor” escreve matéria com o seguinte título: “O papel das pesquisas” se posicionando em relação à influência das pesquisas eleitorais para a população e ainda afirmando que a divulgação desses resultados prévios da preferência dos eleitores deve ser vista como uma prestação de serviços do

¹³FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *Uberlândia Imprensa: a década de 1960 nas páginas do jornal*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008, p. 48.

Jornal Correio para com os eleitores uberlandenses. Seguem alguns trechos da referida matéria:

*[...] A pesquisa eleitoral que o Correio de Domingo publica nesta edição – realizada através de um esforço da Universidade Federal de Uberlândia – não traz **nenhuma novidade** no seu resultado. Collor está em primeiro lugar também aqui e Ulysses Guimarães é o candidato mais rejeitado pelo eleitorado. Essas informações, apesar de não serem novas, têm a magia de **apresentar** uma realidade local e o simples fato de **publicá-las** traduz uma prestação de serviços. [...] É um equívoco dizer que a **publicação** de pesquisas influencia a decisão do eleitor. Mas esta é uma arma sempre usada por aqueles que não estão bem colocados na preferência popular. [...] As pesquisas só servem para **apresentar** uma tendência. O eleitor é suficientemente capaz de discernir o que é melhor para si. A **publicação** de pesquisas cumpre, portanto, a tarefa de **apresentar** o panorama eleitoral e de **acompanhar** a sua evolução. O Correio espera estar apenas iniciando uma nova rotina: a de poder dar, periodicamente, este tipo de **informação** ao seu público leitor. **Não lhe interessa os resultados** – mas o critério de trabalho. Este que está sendo publicado hoje é sério e honesto. Tanto assim que – como você pode conferir – não traz **nenhuma novidade** em relação ao quadro nacional. Apenas **confirma o óbvio**.¹⁴ (negritos meus)*

Nárcio, ao escrever sobre as pesquisas eleitorais defende a idéia de que o Jornal Correio estaria simplesmente publicando e apresentando o resultado da preferência dos eleitores. Alegando ainda que o mesmo não tem interesse algum no resultado das pesquisas, que ele é apenas o meio pelo qual as pesquisas são divulgadas para os eleitores. Contudo, sua tão defendida “objetividade” esbarra na seguinte expressão dita por ele: “*não traz nenhuma novidade em relação ao quadro nacional. Apenas confirma o óbvio*”, expressão essa que exprime juízo de valor do próprio jornalista que entende ser óbvio que o candidato Collor seja o preferido nas pesquisas.

Contudo, baseado em que o jornalista afirma com tanta segurança que Collor seria obviamente o primeiro colocado nas pesquisas? Entendo que seria por uma série de

¹⁴SILVEIRA, Nárcio Rodrigues. *O papel das pesquisas*: Caro leitor. 10 de Setembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p.05.

fatores. O primeiro deles, com absoluta certeza é que Collor era o candidato que mais atendia os interesses da classe dominante, então o jornalista estava empenhado em passar a idéia de que o candidato “já ganhou,” na tentativa de anular a disputa entre Collor e os demais candidatos. Somados a isso existem outros fatores: a influência das pesquisas, as aparições do candidato nos meios de comunicação de massa, principalmente na televisão e as várias estratégias de marketing que transformou o candidato em um produto a ser consumido nas urnas de 1989.

Pois bem, continuando a analisar as produções do Jornal Correio de Uberlândia, observa-se que, no mesmo sentido da matéria anteriormente comentada – publicada em 10 de Setembro pelo jornalista Nárcio Rodrigues – o jornal publica na coluna “Correio de domingo”, no dia 05 de Novembro de 1989, a seguinte matéria: “Correio remaneja equipe e introduz mudanças editoriais” para divulgar as mudanças internas ocorridas no JC, com o fim de buscar a imparcialidade dos textos e publicações do jornal. Transcrevo abaixo, trechos da referida matéria:

*[...] O Correio passou a contar, desde o dia 1º, com a atuação de um novo **Secretário de Redação**. Assumiu o cargo o jornalista **Ivan Santos**, que era até então, apenas **colunista** do jornal, e que passa agora a ter a função de controlar o desempenho das editorias, coordenar as sessões de opinião e política e analisar criticamente a atuação da equipe de jornalismo do Correio de Domingo e do Correio. Paralelo à criação de um Secretário de Redação, foi criado o cargo de **editor-assistente do diário**, que está sendo executado pelo jornalista **Ilacir Gonçalves**. [...] As mudanças foram introduzidas com o objetivo de devolver ao jornal a proposta inicial, de ser moderno, crítico e **imparcial**, explica o **Diretor Geral de Operações do Correio, Nárcio Rodrigues da Silveira**. Segundo Nárcio, nesta nova etapa, o respeito ao direito de defesa dos acusados e a adoção de uma linguagem destituída de **ranços ideológicos** deverão ser tratadas como prioridade pela equipe do Correio. [...] O jornal tem cometido erros primários e já não pode se dar ao luxo de fazê-los, pois tem um público exigente e grande, que cobra **lisura e isenção** em suas posturas editoriais. [...] Temos um **plano de venda** avulsa e só poderemos executá-lo, com sucesso, se o jornal adotar uma linguagem e uma cobertura **mais popular**. [...] O principal **alvo da reformulação**, contudo, é o **leitor**. As mudanças virão*

*para suprir a expectativa alimentada pelo público, que quer um jornal independente e sério, **isento** e correto.*¹⁵ (negritos meus)

Primeiramente, observa-se que os jornalistas e colunistas do jornal Ivan Santos¹⁶, Ilacir Gonçalves¹⁷ e Nárcio Rodrigues foram remanejados de suas funções ocupando os seguintes cargos: Secretário de Redação para Ivan, editor-assistente do diário para Ilacir e o cargo de Diretor Geral de Operações do Correio para Nárcio. Percebe-se que, os principais colunistas do JC também ocupam os cargos de edição, supervisão e direção do jornal, inclusive nas sessões de política, a exemplo do jornalista Ivan Santos, “*que era até então, apenas colunista do jornal, e que passa agora a ter a função de controlar o desempenho das editoriais, coordenar as sessões de opinião e política e analisar criticamente a atuação da equipe de jornalismo do Correio de Domingo e do Correio.*”

Feitas essas considerações, é possível identificar quem são os responsáveis pelas opiniões e juízos de valor lançados nas sessões políticas e diversas matérias no período de 1989. Além disso, observa-se que esses jornalistas – aliados aos interesses particulares dos proprietários do periódico, seus patrocinadores e principalmente à classe que dominava e dirigia a cidade de Uberlândia – são os sujeitos históricos responsáveis pela construção dos projetos de sociedade ideal difundido nas páginas do jornal. Sendo que, esse modelo de sociedade estava vinculado aos princípios capitalistas de natureza econômica liberal e representado nas propostas de “modernização” do candidato Collor. Tudo isso, articulado com o objetivo de reafirmar na cidade um modo de vida que visava atender apenas os anseios da classe dominante.

Em contrapartida, esses mesmos jornalistas pregam a imparcialidade, a linguagem destituída de ranços ideológicos, a lisura e a isenção dos jornalistas. No intuito de convencer o público leitor de que os jornalistas são imparciais e destituídos de qualquer subjetividade, a equipe do JC procura legitimar seu discurso e atribuir a ele credibilidade em suas produções. Tudo isso, para sustentar a tese de que o jornal traz impresso em suas páginas a forma mais pura da “verdade”, isenta de qualquer subjetividade, interesses

¹⁵UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. “*Correio remaneja equipe e introduz mudanças editoriais*”: Correio de domingo. 05 de Novembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 02.

¹⁶Ivan Santos era jornalista e Secretário de Redação do Jornal Correio de Uberlândia.

¹⁷Ilacir Gonçalves era jornalista e editor-assistente do diário do Jornal Correio de Uberlândia.

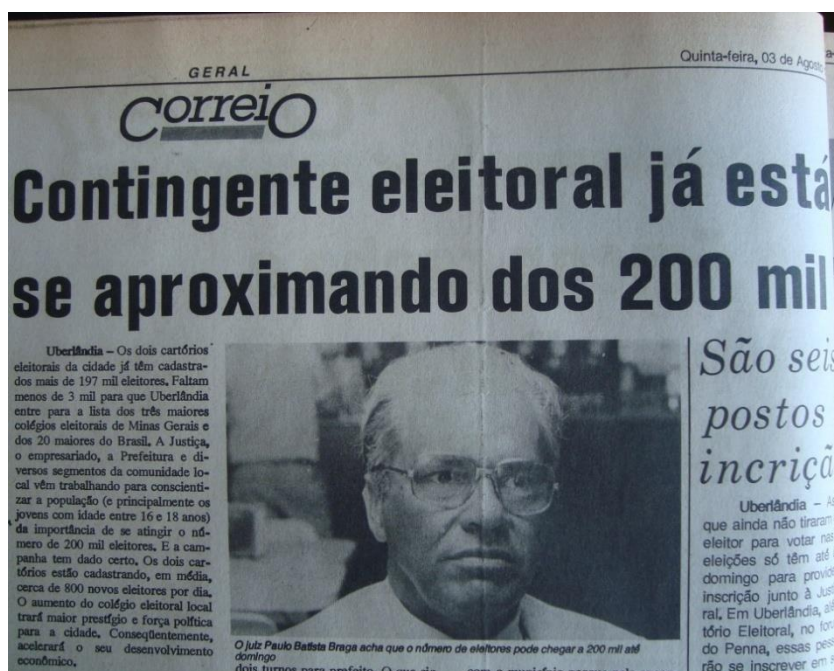
particulares e conveniência por parte de quem produz as matérias. Se a tarefa de legitimação do discurso for realizada com sucesso pela equipe do jornal, fica mais fácil imprimir nos leitores os conceitos e projetos ligados às alianças que o jornal possui com as grandes empresas, à política conservadora e de manutenção do sistema defendido pela “direita” conservadora, enfim, uma postura adotada totalmente em prol de interesses particulares.

Demais disso, o objetivo dos diretores o jornal é atingir o maior número de pessoas com suas publicações: “temos um plano de venda avulsa e só poderemos executá-lo, com sucesso, se o jornal adotar uma linguagem e uma cobertura mais popular”, ou seja, visando vender um maior número de exemplares, o JC pretende adotar uma “linguagem mais popular” para conquistar a massa popular e expandir seus ideais elitistas.

Seguindo o raciocínio de expansão do jornal e “conquista” de leitores, observa-se na coluna “Correio Geral”, de 03 de Agosto de 1989, matéria de título: “Contingente eleitoral já está se aproximando dos 200 mil” uma tentativa de se expandir o eleitorado uberlandense. Sendo que, reserva uma página inteira de destaque para ressaltar a importância da cidade de Uberlândia atingir os 200 mil eleitores. Com foto ocupando toda página, o juiz Paulo Batista Braga, da 278ª zona eleitoral, assim se manifestou sobre o assunto: *“O município será olhado com mais atenção pelas autoridades estaduais e federais.”* Vejamos mais trechos dessa matéria:

*[...] A justiça, o **empresariado**, a prefeitura e diversos segmentos da comunidade local vêm trabalhando para conscientizar a população (e principalmente os jovens com idade entre 16 e 18 anos) da importância de se atingir o número de 200 mil eleitores. [...] O aumento do colégio eleitoral local trará maior **prestígio** e força política para a cidade. Conseqüentemente, acelerará o seu **desenvolvimento econômico**. [...] Além de uma maior **força política**, o aumento do número de pessoas que votam poderá beneficiar a cidade através da eleição de um número maior de deputados estaduais e federais. [...] Uma das principais vantagens de estar entre os maiores colégios eleitorais é que a cidade passará a ter mais força para efeitos de **negociações políticas e econômicas**. [...] Para atingir esse número, a Amark (Associação de Marketing do Triângulo) vem*

promovendo uma campanha intensiva, que visa atingir principalmente o público com idade entre 16 e 18 anos.¹⁸ (negritos meus)



No final da matéria, outra foto de página inteira com o seguinte recado para o público jovem: *“Você quer ter 18 anos? Vote aos 16. Tire o seu título de eleitor. Não é apenas pelo seu país. É por você mesmo. Prove que você já é auto-suficiente. Responsabilidade e cabeça feita não se medem pela idade e sim pelas decisões. Faça seu título até 06 de Agosto, afinal, uma votadinha não faz mal a ninguém.”*¹⁹ Observa-se o apelo que está sendo feito à juventude e o empenho do jornal em convencer os jovens de que o voto vai trazer vários benefícios para a cidade. Fica evidente que o jornalista tenta direcionar os jovens de 16 anos a votarem nessa eleição, amparado construção da imagem de Collor como o “jovem presidente”. Contudo, percebe-se que para o Juiz eleitoral Paulo Batista Braga entrevistado na matéria, os benefícios apontados são todos de ordem capitalista, voltados para o empresariado e para as negociações políticas, econômicas e direcionadas ao desenvolvimento da economia.

¹⁸UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. “Contingente eleitoral já está se aproximando dos 200 mil”: Correio Geral. 03 de Agosto de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 01.

¹⁹UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. “Contingente eleitoral já está se aproximando dos 200 mil”: Correio Geral. 03 de Agosto de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 02.

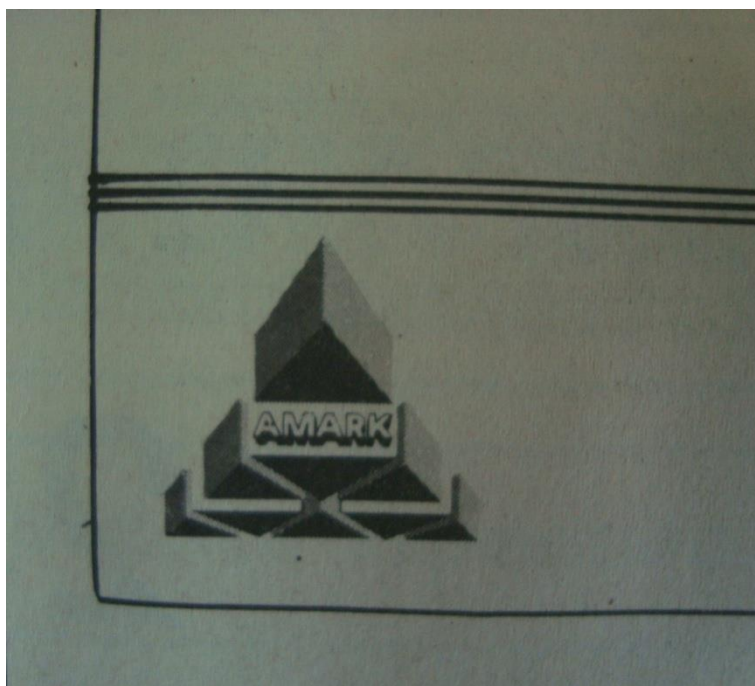


Continuando na mesma matéria, observa-se que as duas próximas páginas são destinadas inteiramente para estamparem as logo-marcas das empresas Spirandelli e Amark, juntamente com a logo-marca do próprio JC. Ambas tem interesse na expansão do colégio eleitoral da cidade, tendo em vista que a Amark²⁰ foi quem criou a campanha para mobilizar a população jovem a votar em parceria com a renomada empresa Spirandelli. Sendo que o proprietário da referida empresa que era secretário municipal da Indústria, Comércio e Turismo, Rubens Spirandelli também proferiu sua opinião a favor do aumento eleitores da cidade, qual seja: *“os políticos terão atenção redobrada com o município porque nele encontrarão uma boa base eleitoral”*²¹ no intuito de favorecer o comércio e desenvolvimento econômico.

²⁰ AMARK – Associação de Marketing do Triângulo, que tinha como presidente o jornalista do Jornal Correio de Uberlândia, Arly Trindade.

²¹ UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. *“Contingente eleitoral já está se aproximando dos 200 mil”*: Correio Geral. 03 de Agosto de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 03/04.

Spirandelli



Correio
DE UBERLÂNDIA

Na página seguinte, o jornalista Arly Trindade²² – que é presidente da Amark – escreve texto de título: “Empresário”. A matéria é direcionada aos empresários da região para que estes colaborem com a campanha de expansão do eleitorado. Seguem trechos:

*[...] É mais do que uma marca, é mais do que um simples motivo de vaidade. É uma **necessidade** entrar para o pequeno grupo das cidades com os 200.000 eleitores. [...] Algumas empresas detectaram a importância desta maioria para Uberlândia e já tomaram a iniciativa de designarem funcionários seus para serem treinados na Justiça Eleitoral e fazerem o cadastramento de seus funcionários no interior da própria empresa. É sua hora, empresário, **é um dever cívico**, é uma obrigação para todos nós.* ²³
(negritos meus)

Algumas observações precisam ser feitas. A primeira é que a matéria sobre a expansão do eleitorado ocupa cinco páginas de destaque do jornal. A segunda é que o jornalista que escreveu a matéria (Arly Trindade) é também presidente da Amark, empresa que criou a referida campanha. A terceira observação é que o empresário Rubens Spirandelli, que expressou sua opinião na matéria anterior, é secretário municipal da Indústria, Comércio e Turismo e dono da empresa Spirandelli, empresa que juntamente com a Amark, ganha página inteira do jornal estampando sua logo-marca. Além disso, quando o jornalista diz que “*é uma **necessidade** entrar para o pequeno grupo das cidades com os 200.000 eleitores*” observa-se que para Trindade, essa necessidade é convertida em prol de seus interesses particulares, tanto como na condição de jornalista do Jornal Correio de Uberlândia, quanto na qualidade de empresário no intuito de favorecer o comércio e o desenvolvimento da cidade.

Dessa forma, é preciso problematizar como esse tema evidencia outros interesses presentes nesse período de eleição, alcançar esse quociente eleitoral significava o que para esses empresários? A meu ver, o aumento de eleitores na cidade significava vantagens de ordem econômica, no intuito de gerar maior projeção da cidade, aumentar a população através de pessoas atraídas pelo cartaz de “cidade desenvolvida”, ter um número maior de

²² O jornalista do Jornal Correio de Uberlândia, Arly Trindade era também presidente da Amark.

²³ TRINDADE, Arly. “*Empresário*”: Correio Geral. 03 de Agosto de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 05.

pessoas circulando na cidade, ter mais consumidores e conseqüentemente um significativo aumento do lucro desses empresários.

Percebemos assim, que a disposição das reportagens e de seus títulos não visa atender apenas a um padrão estético, mas enfatizar o que é importante para a sociedade e para a cidade. E ao fazê-lo não impõe uma ideologia, mas coloca em circulação e em disputa em Uberlândia aquilo que, segundo eles, é necessário para a cidade e para o país.²⁴ Resta claro que o Jornal Correio é também um parceiro nessa campanha promovida pela Amark. Mais que isso, o JC estabelece alianças com as empresas Amark e Spirandelli, uma vez que além de mobilizar a população jovem a votar, bem como, os empresários a colaborar com a campanha, reserva cinco páginas para a matéria juntamente com as fotos das logo-marcas das citadas empresas.

A partir dessa análise, percebemos que os interesses vinculados à expansão do eleitorado Uberlandense vão ao encontro dos projetos das classes dominantes. Sendo eles: aumento do desenvolvimento econômico, força nas negociações políticas, benefícios ao setor empresarial capitalista e entre vários outros. Partindo dessa premissa de que o JC estabelece alianças com essas empresas que estão promovendo a campanha, é possível afirmar que o JC também comunga dos mesmos interesses e projetos das classes dominantes.

Tanto é verdade, que o colunista Arly Trindade se empenha em convencer os jovens entre 16 a 18 anos a votarem, escrevendo em linguagem jovial fim de conquistar o público dessa faixa etária, bem como, dedica uma matéria toda para pedir o apoio dos empresários para se mobilizarem nessa campanha. O que denota total apoio ao aumento do número de eleitores na cidade e conseqüentemente, êxito dos projetos capitalistas. Portanto, em relação às propagandas dos patrocinadores e parceiros do Jornal Correio de Uberlândia é possível observar que também nesse aspecto estão presentes os ideais de desenvolvimento ligado ao progresso. Além disso, as propagandas favorecem aos sujeitos que compõem o jornal, bem como aos grandes empresários locais que financiam o periódico. Então, até

²⁴FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *Uberlândia Imprensa: a década de 1960 nas páginas do jornal*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008, pp. 51.

mesmo na observação das propagandas é possível problematizar e identificar os interesses e projetos que permeiam essas relações que estão atreladas ao liberalismo econômico.

Assim, para identificar essas questões foi preciso romper com a idéia de imparcialidade e verdade da imprensa, colocando-a como sujeito social inserido em seu tempo e que produz de memórias.²⁵ Demais disso, o jornal deve ser visto como um lugar social de luta entre classes e disputa. Isso nos possibilita vislumbrar como a memória produzida pelo jornal se faz autorizada e como a classe dominante a utiliza na tentativa de manter-se em sua posição.

Posteriormente, em 28 de Setembro de 1989, o colunista Nárcio Rodrigues produz matéria de título: “A festa da maioria eleitoral”, com o intuito de comemorar o número de 200 mil eleitores em Uberlândia, graças à campanha da Amark, conforme se segue:

*[...] O **marco é histórico** é colocar a cidade em um **seleto grupo** de 30 outras entre as quatro mil existentes no País. É um **processo inovador** na também jovem democracia brasileira [...] No início da campanha, sugerida pelo **presidente da Amark, Arly Trindade**, os organizadores chegaram a duvidar da capacidade de se atingir a meta pré-estabelecida. A campanha foi encarada, levada adiante e resultou em sucesso absoluto. Para os organizadores os frutos colhidos pelo êxito absoluto do trabalho desenvolvido, ficou a reafirmação de que, quando há um desafio pela frente, por maior que ele seja não se pode nunca deixar de “se levantar para derrubá-lo”. A Amark tentou e conseguiu. E deixou esta lição para o futuro.²⁶ (negritos meus)*

Observa-se que, o jornalista da equipe do Jornal Correio é também presidente da Amark, ou seja, quem produziu a campanha pela maioria eleitoral de Uberlândia. Na matéria acima, o colunista Nárcio Rodrigues comemora o “marco histórico da maioria eleitoral” em Uberlândia, que conseguiu atingir os 200 mil eleitores graças a campanha da

²⁵FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *Uberlândia Imprensa: a década de 1960 nas páginas do jornal*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008, p. 53.

²⁶RODRIGUES, Nárcio. “A festa da maioria eleitoral”. 28 de Setembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 04.

Amark. Dessa forma, não restam dúvidas de que o JC estabelece alianças com a Associação de Marketing, empresa voltada ao comércio, à economia e à aceleração do desenvolvimento econômico, sendo estes também, os projetos de sociedade defendidos pelo Jornal Correio de Uberlândia.

Assim, percebe-se que a imprensa não é um instrumento imparcial, pois, independente do posicionamento político ou social assumido pela mesma há sempre interesses maiores que a subsidiam, seja de caráter público ou privado.

1.2 – A construção do perfil dos candidatos

O Jornal Correio constrói o perfil dos candidatos à presidência da república de acordo com os interesses de seus proprietários. Para viabilizar essa manobra, os jornalistas articulam as noções de direita e esquerda em suas produções no intuito de reafirmar os projetos de sociedade que coincidem com seus anseios. A força da intervenção da imprensa é tamanha que ao construir o perfil do candidato, ao mesmo tempo ela estabelece quem são seus adversários e opositores, bem como seus aliados nesse campo de disputa. Sendo que este campo de disputa que está sendo pesquisado consiste no lugar social no qual a imprensa está inserida.

Para melhor entender os bastidores da eleição de 1989, dialoguei com a obra de Teresinha Mendes Marra - “*O encantador de marajás*”²⁷ – na qual a autora analisa a história política brasileira no final da década de 1980 e se debruça principalmente sobre o discurso de posse de Fernando Collor de Mello como presidente da República. Nesse sentido, estabelecer essa ponte com a referida obra foi de extrema valia para esta monografia. Primeiramente, cumpre ressaltar que Fernando Collor de Mello foi eleito diretamente pelo povo presidente da República, após um período de quase três décadas sem a participação popular na escolha do chefe do Poder Executivo, sendo que por duas décadas os militares governaram o país, totalizando 29 anos sem a efetiva participação popular na escolha do presidente do Brasil. De acordo com autora, fazendo um breve apanhado sobre os antecedentes históricos, observa-se que

²⁷MARRA, Teresinha Mendes. *O encantador de marajás*. Imaginário e História: CLÉRIA BOTÊLHO DA COSTA e MARIA SALETE KERN MACHADO (orgs.) editora: Marco Zero, ISBN: 8527903377, 1999, Edição: 1.

Antes de 1989, a última vez que a população brasileira votou para escolha do presidente da República foi em 1960, ao eleger o populista Jânio da Silva Quadros e, como vice, o nacional-reformista João Belchior Marques Goulart. Com a renúncia de Jânio Quadros e uma turbulenta transição, assumiu o vice João Goulart que, em 1964, foi deposto por um golpe militar financiado pelos Estados Unidos. A partir desse ano, o Estado de Direito foi substituído por um Estado Autoritário, quando, por duas décadas, os militares governaram o nosso país. A transição para a Nova República ocorreu por eleição indireta – como era comum no regime militar – via Colégio Eleitoral, na qual o presidente eleito, Tancredo Neves, faleceu antes de ser empossado. O vice José Sarney iniciou, de fato, a Nova República e, com a mudança constitucional de 1988, a sociedade civil teve condições de eleger, diretamente, em 1989, o seu presidente da República, após um interregno de 29 anos.²⁸

Segundo Teresinha Marra, Fernando Collor que era governador do pequeno e pobre estado de Alagoas, em junho de 1987 já era figura de projeção nacional, tendo em vista que saiu na capa da Revista *Veja* como “o caçador de marajás”. Devido a essa projeção, foi convidado para gravar um programa na TV Paranaíba, emissora que retransmitia a Rede Globo em Campina Grande. Posteriormente, Collor compareceu na Volkswagen em São Bernardo do Campo para buscar alguns veículos que o governo federal havia distribuído para o estado de Alagoas, momento em que foi aplaudido fervorosamente pelos operários, visto que, para eles o governador de Alagoas representava o valente “caçador de marajás”. A partir de então, percebe-se que Collor começa a se dar conta do tamanho de sua popularidade nos diversos estados do país.

Ao escrever sobre o perfil do “encantador de marajás” – conforme a autora Teresinha Marra se refere a Fernando Collor em sua obra – elementos importantes precisam ser destacados devido a significativa contribuição para a presente monografia. Primeiramente, Teresinha Marra aponta que “*Fernando Afonso Collor de Mello é formado em economia e herdou do pai uma emissora de rádio e outra de televisão, que retransmitia a Rede Globo, cujo proprietário, Roberto Marinho, chegou até ser sócio de Arnon de Mello,*

²⁸MARRA, Teresinha Mendes. *O encantador de marajás*. Imaginário e História: CLÉRIA BOTELHO DA COSTA e MARIA SALETE KERN MACHADO (orgs.) editora: Marco Zero, ISBN: 8527903377, 1999, Edição: 1, pp. 98/99.

ou seja, pai de Collor”.²⁹ Acredito que, em razão dessa proximidade com o rádio e a televisão Collor se sentia bastante a vontade com a mídia e os demais meios de comunicação de massa.

Outra questão pertinente levantada pela autora diz respeito aos laços familiares de Collor, haja vista que seu irmão, Leopoldo Collor era ex-diretor da Tv Globo e da TV Manchete. Ressalta ainda que outro amigo importante de Collor foi Marcos Antônio Coimbra, casado com Leda, irmã mais velha de Fernando. Sobre essa aliança com o cunhado, Marra afirma que Marcos possuía parte do controle acionário do Instituto Vox Populi, de pesquisa de opinião pública. Ressaltando ainda que foi graças a uma pesquisa realizada pelo Vox Populi em maio de 1987 – a qual apontou o nome de Fernando Collor como o favorito governador brasileiro – que surgiu *“a estratégia de se lançar nacionalmente fazendo oposição ao governo federal e se apresentando como um implacável “caçador de marajás” – expressão usada para definir funcionários públicos com altos salários e pouco empenhados no serviço.”*³⁰

Nesse sentido, Teresinha Marra nos alerta que *“Marcos Antônio Coimbra traçou, cuidadosamente, o perfil da candidatura de Collor,”* tendo em vista que pelas pesquisas do Vox Populi, descobriu-se que *“o povo, eleitor simples, estava completamente desiludido com os políticos profissionais e muito preocupado com a questão da corrupção. Fernando Collor, político jovem, não tinha muita participação nos grandes conchavos. Isso o ajudou a construir a imagem de “caçador de marajás” que seria usada na campanha.”*³¹ Acredito que, dessa forma foi sendo construída a imagem produto de Collor como candidato jovem, viril, destemido e capaz de caçar os marajás. Outro aspecto apontado pela autora que contribuiu para a vitória de Collor em 1989 se deve ao fato dele ter se valido de uma grande aliada em sua campanha: a televisão, tendo em vista que através da mídia televisiva, Collor conseguia falar diretamente com o povo. Segundo a autora, *“Fernando Collor conseguiu a adesão da maioria dos eleitores vendendo uma imagem multifacetada: jovem, dinâmico,*

²⁹MARRA, Teresinha Mendes. *O encantador de marajás*. Imaginário e História: CLÉRIA BOTÊLHO DA COSTA e MARIA SALETE KERN MACHADO (orgs.) editora: Marco Zero, ISBN: 8527903377, 1999, Edição: 1, p. 103/104.

³⁰Idem, p. 105.

³¹Ibidem, p.105.

*bonito, esportista, governador “caçador de marajás” que acabaria com a corrupção e com a inflação no Brasil.”*³²

Diante das contribuições que a obra de Teresinha Marra proporcionou a minha pesquisa, pude identificar com maior clareza os elementos que permearam a eleição de 1989 para presidência da república, principalmente no que se refere aos bastidores da candidatura de Collor, as origens e alianças do candidato, bem como, as articulações realizadas entre seus assessores de campanha, a mídia televisiva, a imprensa e demais meios de comunicação.

Passo agora a pontuar a maneira como é construído o perfil dos candidatos pelo jornal, bem como os conceitos de “esquerda” e “direita”. Em um trecho da matéria escrita pelo do jornalista Luiz Fernando Quirino³³ circulada em Agosto de 1989, é nítido o tom de ironia usado para se referir aos candidatos da “esquerda”:

*A capacidade de algumas pessoas em não aceitar o inevitável é uma das qualidades mais brasileiras de quem nasce neste país de **sonhadores**. Ainda hoje encontro quem faça um ar de superioridade ante a realidade de minha lógica e contradiga, com toda ênfase minha irreversível aceitação de que Fernando Collor de Mello será o sucessor de Sarney no Palácio da Alvorada. [...] O que se passa é que muita gente que colloriu não diz. Limita-se a um sorriso de Gioconda enquanto os anticolloridos **gritam e esbravejam** que a situação vai se modificar. Acho que os adeptos de Lula e Freire, fazem mais **alarido do que o locutor esportivo da televisão narrando jogo da seleção brasileira**. O escorregão que Brizola levou na semana que passou, revela uma atuação caranguejo, dando um passo a frente e dois para trás.*³⁴ (negritos meus)

É interessante observar que o colunista tenta passar uma noção de falta de dinâmica da política. Na expressão “*não aceitar o inevitável*” da impressão de que o jogo eleitoral já está decidido, na tentativa de tornar homogêneo o espaço da disputa eleitoral

³²Ibidem, p. 115.

³³Luiz Fernando Quirino, jornalista e escritor de textos e crônicas no caderno de política do Jornal Correio de Uberlândia.

³⁴QUIRINO, Luiz Fernando de. Caderno de política. 03 de Agosto de 1989. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 06

para a presidência do Brasil. Demais disso, ainda chama os adeptos de Lula e Freire de barulhentos ao dizer que eles “fazem mais alarido do que o locutor esportivo da televisão narrando jogo da seleção brasileira” isso porque, os chamados pelo colunista de “anticolloridos” resistem a esse determinismo não aceitando a idéia de que Collor “já venceu”. Demais disso, ao se referir aos candidatos da “esquerda” dessa maneira, o colunista está desqualificando aqueles que fazem oposição a Collor.

Outra maneira que o jornal utiliza para legitimar seus projetos de sociedade se dá pelo uso de estatísticas e pesquisas eleitorais. O colunista Nécio Rodrigues, em 08 de Agosto de 1989, na matéria de título: “Sem novidades: assim caminha esta sucessão” analisa o desempenho dos candidatos nas pesquisas. Primeiramente, apenas com a análise do título da matéria é possível observar que, o jornalista ao dizer que a sucessão para presidente está “sem novidades”, tenta anular a disputa política entre os candidatos, dando a impressão de “jogo ganho” por parte daquele candidato apontado como favorito nas pesquisas. Passo a transcrever agora trechos da referida matéria:

*[...] Não é de se estranhar que a apenas alguns dias das eleições presidenciais o ex-governador Fernando Collor continue **liderando com absoluta tranquilidade** o páreo eleitoral.* ³⁵ (negritos meus)

A expressão “absoluta tranquilidade” traz novamente a noção de que Collor estaria tão à frente nas pesquisas que nem adiantaria os eleitores votarem em um candidato diverso, pois, de nada adiantaria. Assim dá a impressão no leitor de que não existe disputa entre os candidatos, que Collor já havia ganhado antes mesmo da votação, na tentativa de anular e neutralizar o embate entre os elegíveis. Continuando na mesma matéria, observa-se nos trechos citados abaixo a forma que o jornalista constrói o perfil dos candidatos da chamada “esquerda” e do candidato Collor da chamada “direita”, veja-se:

*[...] As figuras da chamada esquerda ou do centro-esquerda – encarnadas por Brizola, Lula, Mario Covas, entre outros – tinham tudo para ganhar com a promoção eleitoral para uma **radicalização política**, mas não conseguiram um desempenho na campanha que se identifique com o **anseio***

³⁵RODRIGUES, Nécio. “Sem novidades: assim caminha esta sucessão”. 08 de Agosto de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 03.

popular. Parecem figurinhas repetidas de um álbum abominável, contra o qual o eleitorado não quer votar. ³⁶ (negritos meus)

O jornalista vincula os candidatos da “esquerda” ao termo radicalização o que é dito no sentido pejorativo da palavra, para contrapor aos anseios populares. Como se fosse algo ruim contido nas propostas desses candidatos, que não seriam aceitas pelo povo. Além disso, diz que os candidatos da esquerda “*parecem figurinhas repetidas de um álbum abominável, contra o qual o eleitorado não quer votar.*” Nessa expressão, o jornalista além de fazer piada com tais candidatos, ainda os chama de abomináveis e afirma – como se pudesse responder pelo povo – que o eleitorado não quer votar nesses candidatos tão reprováveis assim.

*[...] Brizola não consegue ser mais **teatral**. Além de ter um rebuscado e **envelhecido** discurso. Lula segue uma linha infeliz. Prejudicado pelo desempenho dos prefeitos do PT nas grandes capitais, o presidente do Partido dos Trabalhadores parece estar descobrindo – aos poucos – que, sua candidatura vai ganhando uma posição de **classe**. E o país já não abriga ou absorve uma candidatura classista.* ³⁷ (negritos meus)

Para Nário, Brizola é teatral e possui um discurso rebuscado e envelhecido, ao passo que Lula segue uma linha infeliz e está prejudicado pelo desempenho dos prefeitos do PT, ou seja, a visão do jornalista para com esses candidatos é a pior possível, tendo em vista que ele os desqualifica e os desmerece. Ao afirmar que a candidatura de Lula é de classe e que “*o país já não abriga ou absorve uma candidatura classista*” o jornalista está dizendo claramente que a classe dos trabalhadores representada por Lula não é de interesse do país, que não vai eleger um candidato classista.

*[...] No meio de tanto **desastre e descaso** popular, Collor emerge **absoluto**, talvez porque seja **bom**, ou porque seja o momento até difícil de entender o fenômeno que o colocou na **preferência esmagadora** dos eleitores. Collor sobe porque **não tem adversários**, o que é ruim para o povo, que fica **sem***

³⁶RODRIGUES, Nário. “Sem novidades: assim caminha esta sucessão”. 08 de Agosto de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 03.

³⁷RODRIGUES, Nário. “Sem novidades: assim caminha esta sucessão”. 08 de Agosto de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 03.

*opção e péssimo para a democracia, que é feita de grandes disputas.*³⁸
(negritos meus)

Pela leitura do trecho citado acima, percebe-se que o jornalista ao falar de Collor muda o discurso. Não é mais um discurso desmerecedor que desqualifica e faz piada dos candidatos, muito pelo contrario, ao candidato da “direita” ele é só elogios. Descrevendo Collor com os adjetivos de: absoluto, bom e na preferência esmagadora dos eleitores. Demais disso, ainda afirma que Collor não tem adversários e que os eleitores estão sem opção de voto, em outras palavras, é o mesmo que dizer que os candidatos que fazem oposição a ele são tão insignificantes em comparação a Collor – líder absoluto da preferência dos eleitores – que é o mesmo de não existirem.

Analisando essa matéria, percebe-se que mais uma vez o intuito do jornal como agente/sujeito é de tentar anular a disputa entre os candidatos a presidência, através do apagamento das diferenças e contradições.³⁹ De acordo com o jornalista, Brizola, Lula, Mario Covas são as figuras da chamada esquerda ou do centro-esquerda, ou seja, são todos iguais, com as mesmas propostas para o país? Observa-se que Nárccio coloca todos eles no mesmo campo, na tentativa de ocultar as diferenças e a disputa e principalmente generalizar o aspecto de que todos os candidatos da “esquerda” são candidatos incompetentes para governar o Brasil, em outras palavras, o jornalista entende que o ponto em comum existente entre esses candidatos seria o de que todos eles são radicais, abomináveis, teatrais e classistas, independente da análise das propostas de governo de cada um deles.

Percebe-se, portanto, que as notícias são construídas na tentativa de fazer com que as propostas de Collor fossem aceitas e apoiadas pelos uberlandenses, haja vista serem essenciais para o desenvolvimento da cidade. Assim, as propostas contrárias a essas vindas de outros candidatos deveriam ser descartadas, mesmo porque, os projetos de governo dos candidatos da “esquerda” eram extremamente opostos e prejudiciais a essa classe capitalista.

³⁸RODRIGUES, Nárccio. “*Sem novidades: assim caminha esta sucessão*”. 08 de Agosto de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 03.

³⁹CHAUI, Marilena Sousa. *O Discurso Competente e outras falas: Cultura e Democracia*. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 200. p. 3.

O principal exemplo disso consiste no projeto de se promover a Reforma Agrária no Brasil. Tal projeto foi amplamente difundido pelos candidatos da “esquerda” e encabeçada principalmente por Lula, provocando medo e ameaçando a elite brasileira devido ao fato de ser um projeto defendia a redistribuição de terras e renda por meio da divisão de áreas consideradas improdutivas, ou seja, os grandes latifúndios. Assim, na tentativa de evitar que tal projeto fosse concretizado no país, as classes dominantes por meio da imprensa e da mídia promovem a desqualificação dos candidatos que pregam a reforma agrária. Consiste em um posicionamento absolutamente classista, egoísta e com um ideal de sociedade capitalista que beneficia apenas uma minoria da população brasileira. As referências negativas à “esquerda” revelam um grande terror das classes dominantes que são representadas pelos jornalistas do Jornal Correio. Percebe-se que esse medo está articulado à problemática histórica como referência na pauta dos candidatos da “esquerda” principalmente Lula do PT.

Nesse sentido, chamo a atenção para a matéria do jornalista Luiz Fernando Quirino, publicada em 22 de Outubro de 1989 com o título: “As pequeninas mentiras que engolimos a vida toda”, que diz:

*Caiado, Freire e Lula, todos falam em **Reforma Agrária**. Mas acontece que as terras têm **donos**. Foram herdadas do avô que herdou do bisavô que herdou do tataravô... O tal **direito à propriedade** tá lá, na Constituição. Como é que vai ser? hein? A gente acredita em tudo. Somos como os judeus de antigamente **não estamos aqui para mudar**. A verdade é a mentira que deu certo.⁴⁰ (negritos meus)*

Creio que o intuito do jornalista é criar um sentimento de impotência no leitor. O sentimento de desânimo é expresso na seguinte frase: “*Somos como os judeus de antigamente e não estamos aqui para mudar*”, que tem a função de convencer o leitor de que a reforma agrária é uma promessa da esquerda representada por Caiado, Freire e Lula que jamais será cumprida frente ao direito positivista de propriedade tão difundido pelo capitalismo.

⁴⁰QUIRINO, Luiz Fernando. “As pequeninas mentiras que engolimos a vida toda”: Caderno de política. 22 de Outubro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 03.

Ocorre que, a reforma agrária é a principal proposta de governo dos candidatos da “esquerda”, aquela que mais aterroriza as classes dominantes do país. Isso porque, o cerne do Brasil é constituído pelas grandes propriedades, sendo que, os donos dessas propriedades – os latifundiários – jamais aceitariam redistribuir suas terras que foram herdadas de seus pais, avôs e tataravôs, assim como escreveu Quirino.

Para dialogar e desconstruir esse posicionamento do Jornal Correio, passo agora a pontuar algumas considerações em relação ao movimento dos “Sem Terra” e sobre reforma agrária. Em pesquisa realizada no site oficial do MST – Movimento dos Trabalhadores sem Terra,⁴¹ pude vislumbrar alguns aspectos importantes. O primeiro deles consiste no fato de que a realização da reforma agrária era o principal objetivo do movimento:

*[...] desde a nossa fundação, o Movimento Sem Terra se organiza em torno de três objetivos principais: lutar pela terra; lutar por Reforma Agrária; lutar por uma sociedade mais justa e fraterna. E confiamos que a realização da Reforma Agrária, democratizando o acesso à terra e produzindo alimentos, é nossa contribuição mais efetiva para a realização de um Projeto Popular.*⁴²

Partindo dessa premissa de lutar pela terra, o MST conquistou na Constituição de 1988, entre outras vitórias, os artigos 184 e 186, que garantem a desapropriação de terras que não cumpram a função social. Apesar de várias conquistas sociais alcançadas, o movimento sofre desde sua fundação a repressão violenta do Estado, principalmente durante o governo Collor. Segundo elementos fornecidos pelo site do movimento dos “sem terra”, quando não recorria à burocracia e à falta de vontade política para inviabilizar a Reforma Agrária, “o Estado omitia-se ou estimulava a violência. Assim foram os anos de Fernando Collor na Presidência da República, com despejos violentos, assassinatos e prisões arbitrárias.”⁴³

⁴¹O MST - Movimento dos Trabalhadores sem Terra foi fundado em 1980 na cidade de Cascavel – PR, composto por centenas de trabalhadores rurais que decidiram fundar um movimento social camponês, autônomo, que lutasse pela terra, pela Reforma Agrária e pelas transformações sociais necessárias para o Brasil. Site MST: www.mst.org.br/nossahistoria Consulta realizada em Julho de 2013.

⁴² Site MST: www.mst.org.br/nossosobjetivos Consulta realizada em Julho de 2013.

⁴³ Site MST: www.mst.org.br/nossahistoria Consulta realizada em Julho de 2013.

Além disso, para os representantes do MST realizar a Reforma Agrária consiste *“em libertar as terras para produzir alimentos, criando condições dignas de vida no campo e na cidade, para que seja construída uma sociedade em que o povo possa tomar seu destino pelas mãos e decidir o seu caminho.”*⁴⁴ Em nota oficial *“Nossa História”*⁴⁵ também divulgada no site, o movimento afirma que para eles a Reforma Agrária não é uma luta por benefícios apenas para os camponeses, mas uma forma de melhorar a vida dos que vivem nas cidades, com a redução do inchaço urbano e, principalmente, com a produção de alimentos saudáveis e acessíveis aos trabalhadores. Segundo eles, para que finalmente seja realizada uma Reforma Agrária verdadeira no Brasil, é preciso enfrentar o agronegócio e os interesses do capital internacional.

Feitas essas considerações a respeito da luta do MST, sua história e objetivos, é possível vislumbrar com clareza os reais motivos que levam a burguesia a se posicionar contra a redistribuição de terras no Brasil. Isso se dá pelo fato da reforma agrária ser um projeto de cunho popular que visa lutar por uma sociedade mais justa e fraterna, o que é totalmente oposto aos objetivos das classes dominantes, que defendem a manutenção do sistema capitalista no Brasil, o qual se desenvolve mantendo intactas as estruturas do latifúndio.

Nesse sentido, em defesa desses projetos de sociedade burguesa, o jornalista diz que a reforma agrária não pode ser efetivada por esbarrar no direito à propriedade, sendo esta uma promessa da “esquerda” totalmente inviável de ser concretizada. Se refere a proposta de redistribuição de terras como “as pequeninas mentiras que engolimos a vida toda”, de modo a contribuir para que o sistema de grandes latifúndios seja mantido e a desigualdade social permaneça. Ocorre que, desacreditar o projeto da reforma agrária consiste em mais uma manobra do jornal para afastar o espectro da redistribuição de terras no Brasil, bem como o da ameaça de se eleger um candidato de “esquerda” como presidente da república.

Retomando a problematização sobre a desqualificação dos candidatos da “esquerda” e de seus projetos de sociedade, em matéria divulgada em 10 de setembro de 1989, de título: “Beijos e paciência na festa do PCB para o candidato Freire”, o JC fala

⁴⁴ Idem

⁴⁵ Site MST: www.mst.org.br/nossahistoria Consulta realizada em Julho de 2013.

sobre a visita do candidato Roberto Freire em comício realizado em Uberlândia no dia 01 de setembro de 1989. Pois bem, a começar pelo título da reportagem, percebe-se como o JC abordou a visita do candidato à cidade, uma vez que chamou seu comício de “festa” e ironiza com as expressões “beijos e paciência”. Seguem trechos da matéria:

*[...] Freire chegou eram quase 23 horas. **Acessível e paciente** – tanto que, depois de passar pelos repórteres dando uma rápida entrevista e de **distribuir muitos beijos** entre os presentes, ele passou o resto da noite conversando. [...] o candidato estava **tão à vontade** que se poderia pensar que ele era um “**camarada**” como qualquer outro, que se prestasse a uma luta ideológica. [...] A situação era reveladora da estratégia que fez de Freire um **candidato simpático** a muita gente que, filiando-se à **esquerda**, **diferente de Lula: é que o candidato do PCB é o anti-discurso do PT**, dirigindo-se ao telespectador da mesma forma que falava à aqueles sentados ao seu redor como um **velho companheiro, bem gentil**, com uma fala que foge dos **clichês da esquerda** e volta às referências modernas do contexto internacional. Apesar dessas referências, às vezes, se chocarem com suas propostas nacionais.⁴⁶ (negritos meus)*

Pelos fragmentos da matéria acima fica evidente que o JC ironiza ao afirmar que Freire distribuiu muitos beijos entre os presentes, bem como, quando o chama de “camarada”, “velho companheiro”, gentil, simpático, acessível e paciente. O jornalista diferencia Freire do PT representado por Lula, alegando que “o candidato do PCB é o anti-discurso do PT, dirigindo-se ao telespectador da mesma forma que falava à aqueles sentados ao seu redor como um velho companheiro, bem gentil, com uma fala que foge dos clichês da esquerda e volta às referências modernas do contexto internacional”. Dessa forma, aproveita o jornalista para realizar uma crítica ao PT, dizendo que o discurso do Partido dos Trabalhadores é “clichê” e ultrapassado, distante das referências modernas do contexto internacional. Além disso, o JC não divulga o discurso de Freire no comício e suas propostas para o país.

Contudo, é o jornalista Luiz Fernando Quirino quem faz as críticas mais severas aos opositores de Collor, oposição essa classificada como “esquerda”. Em 22 de Setembro

⁴⁶UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. “Beijos e paciência na festa do PCB para o candidato Freire”: Correio Geral. 10 de Setembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 06.

de 1989, o colunista, escreve texto de título: “A palavra do Sr. Presidente da República”, dizendo que:

*[...] Não sei não. Acho que a **esquerdinha inútil e festiva** vai ficar tiririca comigo. Não estou nem aí. Tenho **horror** de tudo o que acaba com “ismo”. **Tenho ojeriza por comunismo, socialismo, modismo, escapismo, etc, etc.** [...] Acho, pessoalmente, é minha opinião e não do jornal (aviso aos **esquerdinhas festivos**, porque **há pessoas na esquerda que sabem agir com responsabilidade**, por isso não generalizo) mas, como eu dizia, é minha opinião e eu posso até mudar. No entanto, eu acho que Sarney tentou, nesses anos todos, manter o trem na linha, **suportou todas as greves legais ou ilegais**, suportou o **excesso de liberdade** de alguns grupos que confundem as coisas, que tentam restabelecer a mesma **anarquia** dos tempos do Sr. Jango Goulart e que nos levaram 20 anos de **socorro militar**. Hoje, porém, os militares não estão mais dispostos a apagarem nenhum **incêndio**. [...] O que eu quero é me parabenizar com o presidente Sarney, pelo comportamento nesta época eleitoral. O presidente resgatou – na minha opinião – o direito que a **direita e os liberais** têm de falar também. Porque só aquela **esquerdinha festiva**, agora comandada pelos soviéticos, na batalha **irracional** da “ecologia”, cujo representante máximo é **Gabeira Tanguinha**, estava falando, soltando manifestos, cotizando esse povo que não ouvia o outro lado. Sarney falou pelos **democratas** que também seguram a barra dessa travessia e **suportam as ações carbonárias**.⁴⁷ (negritos meus)*

Quirino está forjando na sua interpretação o que seria a “esquerda” e a “direita”. Observa-se que seu discurso é extremamente agressivo para com a chamada “esquerda” e carregado do conservadorismo próprio dos defensores da ditadura militar. Durante todo o texto, Quirino chama de “esquerdinha inútil e festiva” a oposição composta pelos adeptos ao socialismo. É nítido o tom de ironia e deboche do jornalista ao afirmar que “*tenho horror de tudo o que acaba com “ismo”. Tenho ojeriza por comunismo, socialismo, modismo, escapismo, etc.*” Em outras palavras, Quirino repudia todo movimento ideológico que se opõe ao sistema conservador da chamada “direita”. As ofensas continuam. Quirino

⁴⁷QUIRINO, Luiz Fernando. “A palavra do Sr. Presidente da República”: Caderno de política. 22 de Setembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 03.

ainda diz que “há pessoas na esquerda que sabem agir com responsabilidade”, ou seja, a maioria delas são, então, irresponsáveis e inconseqüentes.

Ao elogiar e parabenizar o presidente Sarney, o jornalista diz que o mesmo havia suportado todas as greves, o excesso de liberdade de alguns grupos que confundem as coisas, que tentam restabelecer a mesma anarquia dos tempos do Sr. Jango Goulart e que levou o Brasil a necessitar de 20 anos de socorro militar. O que podemos extrair desse texto é que Quirino é um fervoroso defensor do perverso regime militar, que tentou acabar com toda e qualquer liberdade do cidadão através de severa repressão por meio de torturas físicas e coerções psicológicas.

O que salta aos olhos é a maneira com que o jornalista produz a memória da década de 1960 e sua capacidade de transformar algo perverso em algo positivo. Percebe-se que o jornalista tenta silenciar a memória do regime militar, construindo uma visão que forja e destorce os fatos, contribuindo para o esquecimento dos elementos mais significativos desse período. Na dissertação de Orlanda Rodrigues Fernandes sobre o regime militar, tais elementos silenciados ganham voz e contribuem para a problematização e desconstrução da memória produzida pelo Jornal Correio:

[...] da mesma forma, como constrói a memória sobre o período e sobre o Regime Militar, essa própria construção gera o esquecimento de alguns fatos também ligados a este Regime, como a questão da força e da tortura na legitimação do governo, ou quando da abertura política na década de 1970 era negociada uma anistia recíproca que tinha o intuito de anistiar tantos os presos e exilados políticos como os militares que participavam da repressão. Todos foram perdoados, porém, ao mesmo tempo, a justiça ficaria impedida de processar qualquer uma das partes.⁴⁸

Conforme explanado por Orlanda, percebe-se que o lado perverso do regime militar é ocultado e ignorado da percepção do jornalista. Ressalta-se que, este chega ao máximo de dizer que os 20 anos de ditadura foram um “socorro militar” para o Brasil, mas

⁴⁸ FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *Uberlândia Imprensa: a década de 1960 nas páginas do jornal*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008, pp. 65.

que “*hoje, porém, os militares não estão mais dispostos a apagarem nenhum incêndio*”. Quer dizer, então, que todos esses 20 anos de terror, massacre, repressão e censura são vistos por Quirino como um alento e algo positivo para o Brasil, e ainda lamenta que os militares, já não tem mais disposição para “apagarem nenhum incêndio”. Sim, é isso mesmo. No mínimo absurdo!

Posto isto, o que podemos concluir é que da mesma forma que o jornal constrói uma memória positiva sobre o regime militar através do ocultação dos fatos, ele também quer construir uma memória de uma cidade grande e adepta ao liberalismo econômico em prol de seus interesses. Para legitimação desse discurso liberal, o jornal também acaba por ocultar os problemas de desigualdade social e concentração de renda em poder de uma minoria. Isso porque, na verdade, o Jornal Correio defende a manutenção do sistema capitalista, o que é um elemento fundamental para legitimar a manutenção da classe dominante no comando do país.

O jornalista parabeniza ainda o presidente Sarney por ter resgatado a voz da direita e dos liberais; diz que a “esquerdinha festiva” é representada no máximo por “Gabeira Tanguinha” o qual possui uma batalha irracional e que vive soltando manifestos, e, por fim, diz que Sarney e os democratas também “suportam as ações carbonárias.” Conclui-se que, as ações carbonárias e incêndios, no entendimento de Quirino, devem ser apagados pelos heróis militares, ao passo que, para os “democratas” resta a difícil tarefa de suportar as manifestações desses “anarquistas” e resgatar a voz da direita. Esse é o posicionamento de um colunista do Jornal Correio que defende total imparcialidade ao exercer o ofício de jornalista. Uma enorme contradição, tendo em vista que, é evidente de qual lado da disputa do JC está: o lado das classes dominantes, indiscutivelmente.

Continuando a analisar o perfil dos candidatos construído pelo Jornal Correio de Uberlândia, passo agora a analisar algumas passagens do texto publicado em 06 de Outubro de 1989, de título: “O engano das esquerdas,” escrito pelo jornalista Ilacir Gonçalves Amaral, que também compõe a equipe do periódico. Vejamos:

*[...] A **esquerda** que, até pouco tempo achava que tinha tudo para chegar no poder, ou na pior das hipóteses ao segundo turno, já começa a se preocupar com a possibilidade de ficar **completamente fora da disputa***

*pela presidência da República. Começa-se a vislumbrar uma disputa entre **Fernando Collor e Guilherme Afif Domingos** no segundo turno, de acordo com a performance de Affif nos programas eleitorais de rádio e televisão e ainda sua ascensão nas pesquisas de opinião pública. [...] Verdade seja dita, a esquerda sempre achou que todo o povo odiou os governos de **presidentes militares** e está insatisfeito com o atual governo e agora, queira ou não, começa a descobrir que **não é bem assim**. A esquerda acreditava que na primeira oportunidade chegaria facilmente ao poder via eleições diretas. [...] A maioria dos milhares de brasileiros mobilizados nas diversas campanhas empreendidas pelos **partidos ditos populares** o foi mais pela **força de mobilização da esquerda** do que pelo **descontentamento com o governo**. É a velha história de não querer saber quem morreu “eu quero é chorar”. **Tem movimentação o povo vai, não importa contra quem ou a favor de quem**. É como se fosse um desabafo, como acontece com o futebol. Mas na hora de decidir o seu futuro, o povo costuma se mostrar **mais sensato** e acaba procurando o caminho que lhe parece melhor, sem a influência dos “**mobilizadores**”. E esse caminho, no momento, não parece ser o da esquerda. [...] As chances da esquerda ficam praticamente restritas a **Lula**, que já não pode contar mais nem com os **metalúrgicos** de São Paulo, que eram, em outras épocas, os seus maiores eleitores e cabos eleitorais.⁴⁹ (negritos meus)*

Analisando os fragmentos do texto acima, percebe-se que Ilacir apostava em um segundo turno entre Collor e Afif, ou seja, dois candidatos da chamada, na época, “direita”, o que retiraria de cena a chamada “esquerda”. Contudo, curiosamente, ao contrário do entendimento do nobre jornalista, apesar do desempenho de Affif nos programas eleitorais de rádio e televisão e ainda sua ascensão nas pesquisas de opinião pública, Lula foi quem disputou com Collor os votos no segundo turno e não Afif. Segundo o site oficial do governo Ipeadata⁵⁰ no primeiro turno, Collor recebeu 32,47%, Lula 16,69% e Afif apenas 4,70% dos votos válidos.

⁴⁹AMARAL, Ilacir Gonçalves. “O engano das esquerdas.” 06 de Outubro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 06.

⁵⁰A sigla IPEA significa Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, é uma fundação pública federal vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Dentro do IPEA há o “Ipeadata”, que é uma base de dados macroeconômicos, financeiros e regionais. As informações do Ipeadata são de acesso gratuito, e tem como informação o histórico das alterações de valor e nome da moeda nacional do Brasil. Aborda também temas sobre população, emprego, renda, produtividade do

Posteriormente, o jornalista afirma que na verdade o povo não estava insatisfeito com o governo dos presidentes militares como achava a “esquerda”, o que ocorre, na visão do jornalista, é que a massa popular é facilmente manipulável pelos mobilizadores da “esquerda” a protestar contra o governo. Assim, o povo como se fossem carneirinhos, protesta sem saber ao menos o motivo de estarem ali, apenas pela força da manifestação e não pelo descontentamento em si. Ora, então seguindo essa linha de raciocínio, o movimento do “Diretas Já” foi composto por uma multidão de pessoas que não estavam insatisfeitas com o governo, mas, protestavam por protestar sem nem ao menos saber o motivo? Definitivamente não! Assim, percebe-se que é contra esse movimento social que o jornal quer formar opinião, tendo em vista que esse tipo de manifestação popular representa uma ameaça ao sistema capitalista, pelo fato de lutar por direitos sociais da população, o que não é de interesse da classe dominante.

Prosseguindo no texto, o jornalista assevera que *“na hora de decidir o seu futuro, o povo costuma se mostrar mais sensato e acaba procurando o caminho que lhe parece melhor, sem a influência dos “mobilizadores”. E esse caminho, no momento, não parece ser o da esquerda.”* Em outras palavras, afirma Ilacir que, apesar do povo se mobilizar e protestar – o que o faz por simples influência dos mobilizadores – na hora de votar serão sensatos e não vão escolher para presidente um candidato da “esquerda”. Essa é a mensagem que o jornalista quis passar para o público leitor com sua matéria. Primeiro, que figurariam no segundo turno dois candidatos da “direita”; segundo, que o sistema deve ser mantido, dando continuidade ao modo de governo capitalista e, terceiro que o mais sensato a se fazer é eleger um candidato da “direita”.

Prosseguindo na análise da construção dos conceitos de “esquerda” e “direita” e ainda, do modo como o jornal traça o perfil dos candidatos, destaco o texto escrito pelo jornalista Luiz Fernando Quirino dando seu parecer sobre Brizola e Lula, “O calcanhar de Aquiles da TV” de 06 de Outubro de 1989, Vejamos:

[...] Brizola tem uma campanha cristalizada em mais de trinta anos. Em março de 1964 já se lançava candidato à Presidência com o famoso slogan “cunhado não é parente; Brizola presidente.” Luiz Inácio Lula da Silva

país, consumo e ritmo de vendas, além de balanços da economia. Site Ipeadata: www.ipeadata.gov.br em consulta realizada em Agosto de 2013.

*garante sua reeleição como **deputado**. E isso é importante para ele, na medida em que o eleitor brasileiro é declaradamente **elitista e não colocaria um metalúrgico no Planalto**. E depois, ambos atuam na mesma faixa. Buscam o voto do proletário, do operário urbano. **E pobre não vota em pobre.***⁵¹ (negritos meus)

Sem dúvida, Quirino quer fazer o eleitor acreditar que o candidato Lula não chegaria ao segundo turno da eleição para presidente, haja vista que, afirma que Lula garantiria sua reeleição como deputado. Dessa forma, cria para o público leitor a falsa noção de que o candidato “já perdeu” e que o máximo que ele irá conseguir é se reeleger como deputado. Utiliza-se do convencimento para produzir memória. E ainda diz mais, alega que “*o eleitor brasileiro é declaradamente elitista e não colocaria um metalúrgico no Planalto.*” Observa-se o preconceito de classe, quando o jornalista desqualifica o candidato Lula por ter sido metalúrgico e faz um juízo de valor em relação aos eleitores brasileiros classificando-os como elitistas. Baseado em que Quirino afirma que o mesmo povo que elegerá Lula para deputado não irá elegê-lo para presidente? Bastante contraditório.

Continuando no texto, Quirino conclui que “*pobre não vota em pobre*”, ou seja, o povo – proletariados, trabalhadores e operários – não votariam em Brizola ou Lula, pois, esse povo pobre não votaria em candidatos pobres. O jornalista quer fazer entender que a própria classe dos trabalhadores tem preconceito contra o pobre, sendo elitista a ponto de rejeitar um candidato metalúrgico como Lula. Dessa forma, além de desqualificar Lula e Brizola, Quirino tenta retirá-los da disputa como se fossem “carta fora do baralho” nessa eleição. Demais disso, percebe-se uma distinção feita pelos jornalistas do Jornal Correio entre os candidatos da “esquerda”. Para eles, Freire e Brizola representavam a esquerda tradicional, contudo, Lula representava o comunismo e um fanatismo de cunho quase religioso ao invés de político, ou seja, tudo aquilo de mais abominável para as classes dominantes.

Em mais uma tentativa de reforçar o projeto de sociedade capitalista, em 22 de Outubro de 1989, o jornal Correio realiza uma entrevista na coluna “Correio de Domingo” como o seguinte título: “Empresários locais apontam candidato ideal”. A matéria se presta a

⁵¹QUIRINO, Luiz Fernando. “*O calcanhar de Aquiles da TV*”: Caderno de política. 06 de Outubro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 02.

entrevistar vários empresários da cidade de Uberlândia, na qual eles respondem quem seria o candidato ideal para a presidência da república. Na matéria, os entrevistados são chamados de “as grandes personalidades da vida empresarial uberlandense” e dentre elas estão: Carrijo (vice-presidente da Flemg); Orlando Pinto (presidente do clube de Diretores Lojistas); Plínio Velloso (presidente da Associação Uberlandense da Micro e Pequena Empresa); Genésio Pereira (Aciub); Mário Paulo Silva (presidente da Granja Planalto); Caixeta (presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas).

O jornal destaca que a “direita” recebeu o apoio da categoria dos empresários. Os mais votados são Afif Domingos (PL), Fernando Collor de Mello (PRN) e Paulo Maluf (PDS). Os entrevistados classificaram como candidatos perigosos: Lula (PT), Ronaldo Caiado (PSD) e Brizola (PDT). O empresário Mario Amato disse que caso Lula (PT) entre na presidência cerca de 800 mil empresários vão deixar o país: *“Vamos fazer de tudo para que não aconteça o ingresso de um presidenciável da esquerda, porque isso representa um retrocesso.”*⁵² Observa-se o tamanho do medo do empresário em relação a vitória de um candidato da “esquerda” para presidência da república.

O presidente da ACIUB Genésio Melo Pereira, compartilhando do mesmo posicionamento de Amato disse: *“Qualquer candidato da esquerda não preenche as necessidades que o cargo de presidente da República exige”*.⁵³ Mário Paulo Silva presidente da Granja Planalto, por sua vez destacou que: *“Ideal é um candidato à presidência, inteligente, que não seja extremista, de idéias claras, postura flexível, jovem e que tenha conhecimento dos problemas brasileiros”*.⁵⁴ Edmundo Paulino de Carvalho Júnior, um dos proprietários da Construtora Centro Oeste (CCO) afirma que seu voto e de sue pai é para Maluf. Para ele, Maluf é o presidenciável que deve estar à frente do Brasil, porque é um empresário de sucesso. No entanto, afirma que o Brizola (PDT) jamais teria seu voto: *“As idéias que esse candidato veicula não vem de encontro com os nossos anseios”*.⁵⁵

⁵²UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. *“Empresários locais apontam candidato ideal”*: Correio de Domingo. 22 de Outubro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 16.

⁵³ UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. *“Empresários locais apontam candidato ideal”*: Correio de Domingo. 22 de Outubro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 16.

⁵⁴ Idem

⁵⁵UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. *“Empresários locais apontam candidato ideal”*: Correio de Domingo. 22 de Outubro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 16.

O jornal Correio de Uberlândia lança e divulga as opiniões das chamadas “grandes personalidades empresariais uberlandenses”. Em contrapartida, não promove entrevistas com os trabalhadores e demais pessoas que julga “não influentes”, mas que também compõem o eleitorado da cidade. Esse posicionamento do jornal em não se interessar em divulgar a opinião da classe trabalhadora está aliado ao enorme prestígio que dá aos empresários de renome que foram entrevistados. O que revela as alianças do JC com os candidatos da direita. Além disso, revela também o público para quem o JC fala e quer atingir, qual seja, o público letrado em primeiro lugar, de classe média e empresários.

Ao classificar os entrevistados de “as grandes personalidades da vida empresarial uberlandense” o JC está tentando ocultar os demais sujeitos históricos que compõe a cidade de Uberlândia. É o mesmo que afirmar que a classe trabalhadora, os assalariados e toda a massa popular não são grandes personalidades e que não tem importância para a cidade, o que gera uma exclusão de classe e oculta as diferenças existentes na disputa, tentando anular esses sujeitos do cenário eleitoral, ironicamente, como se eles não fossem a grande maioria de eleitores.

Durante a entrevista expressões como: a esquerda representa um “*retrocesso*” e o presidente eleito não pode ser “*extremista*”, reafirmam a noção de ordem e progresso. Ao mesmo tempo em que temem um governo que contradiga os interesses das classes sociais que esses empresários e o jornal representam. Seria o mesmo que dizer que a esquerda e o extremismo representam o retrocesso, bem como as idéias vistas por estes empresários como radicais, seria o contrário de ordem. Essa postura desqualifica a oposição e cria um sentimento de que o progresso é algo bom para o país e para alcançá-lo é necessário haver primeiramente a ordem e não a desordem representada pelo extremismo e radicalismo da esquerda.

Observa-se que essa postura do jornalista está impregnada da ideologia das classes dominantes, suas visões e mundo e projetos de sociedade. Nesse sentido, Marilena Chauí nos ensina que

A ideologia é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência pode ser o modo imediato e abstrato de

*manifestação do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. O discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante*⁵⁶.

Segundo a autora, a ideologia está a serviço da dominação, ou seja, para obter a identificação dos sujeitos sociais e assegurar que estes sejam mantidos sob o domínio das classes dominantes. Chauí ainda nos ensina que

*Para que a ideologia seja eficaz é preciso que realize um movimento que lhe é peculiar, qual seja, recusar o não-saber que habita a experiência, ter a habilidade para assegurar uma posição graças à qual possa neutralizar a história, abolir as diferenças, ocultar as contradições e desarmar toda a tentativa de interrogação.*⁵⁷

Conforme o entendimento da autora é possível vislumbrar que a classe dominante por meio da imprensa busca legitimar seus projetos através da ideologia, no intuito de que seus anseios sejam absorvidos pelas demais classes para que elas interiorizem os projetos de sociedade defendidos pela burguesia.

No que diz respeito ao tratamento que os candidatos da “esquerda” recebem nas páginas jornal, bem como, a maneira pejorativa que os jornalistas se reportam a eles, observa-se que da mesma forma que estes candidatos são desqualificados, Collor é sempre elogiado e pintado como o candidato ideal pelo JC. Nesse sentido, dias antes da eleição, em 10 de Novembro de 1989 o Jornal Correio publica texto escrito por Reynaldo Cazabona⁵⁸ de título: “Em defesa de Collor” para defender Collor das acusações sofridas durante sua campanha para presidente. A começar pela frase de destaque que aparece logo abaixo do título, em letras garrafais que diz: “Nada nos afronta quem fala mal de nós mentindo –

⁵⁶CHAUI, Marilena Sousa. *O Discurso Competente e outras falas: Cultura e Democracia*. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 200. p. 3.

⁵⁷CHAUI, Marilena Sousa. *O Discurso Competente e outras falas: Cultura e Democracia*. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 200. p. 5.

⁵⁸Reynaldo Cazabona, advogado, ex-vereador uberlandense e um dos fundadores do PMDB em Uberlândia.

Padre Antônio Vieira”, denotando o empenho do autor em proteger Collor das acusações, bem como o jornal tem interesse em divulgar tal texto, tanto é que, para tal, dedica seis páginas para esta matéria.

Em suma, a matéria fala sobre o arquivamento das denúncias apresentadas pelo líder do PDT o deputado Vivaldo Barbosa contra o candidato do PRN, Fernando Collor. Pelas denúncias, Collor teria favorecido os usineiros de Alagoas com um acordo para devolução de ICM e estaria envolvido em um desvio de verbas no sistema de saúde de Alagoas. Senão vejamos:

*[...] Os **inimigos gratuitos ou pagos** do candidato Fernando Collor, sofreram na semana passada uma grande derrota. [...] Aliás, é bom que se diga que **os usineiros** sempre consideraram Collor um **inimigo**, pois queria aceitar pelo Estado de Alagoas, em doação de pagamento, uma grande extensão de terras pertencentes aos mesmos, terras que seriam usadas para fazer reforma agrária. [...] De qualquer modo e apesar da **perseguição** movida pelo governo federal, Fernando Collor, foi o que **mais distribuiu terras** entre todos os governantes de Alagoas, nas últimas décadas. Em virtude de seu **caráter ilibado e de seu carisma**, não adianta os seus inimigos, gratuitos ou pagos, inventarem a todo instante **denúncias sem fundamento**. Collor será de fato eleito Presidente da República, neste final de 1989, para desespero dos seus **ferozes caluniadores**.⁵⁹ (negritos meus)*

Salta aos olhos o apreço de Cazabona para com o candidato Collor. Refere-se a ele durante a matéria como pessoa de caráter ilibado e carismático. Além de afirmar que “*Fernando Collor, foi o que mais distribuiu terras entre todos os governantes de Alagoas*”, motivo pelo qual, os usineiros sempre consideraram Collor um inimigo. Assim, o JC tenta desconstruir as acusações feitas ao candidato do PRN, com base no arquivamento das denúncias e, principalmente, sob a alegação de que tais acusações são fruto do devaneio de seus “*ferozes caluniadores*” e “*inimigos gratuitos ou pagos*”, que terão que aceitar o fato de Collor ser eleito para presidente da república. Observa-se que mais uma vez, o JC coloca a

⁵⁹CAZABONA, Reynaldo. “*Em defesa de Collor*”: Correio Geral. 10 de Novembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 10.

vitória de Collor para presidente como algo certo e inquestionável. Neutralizando a disputa e gerando a falsa noção para o público leitor de que o candidato do PRN já estava com a eleição ganha.

Mantendo a linha do favoritismo do jornal para com Collor, no dia seguinte, 11 de Novembro de 1989, o jornal publica outra matéria desqualificando os candidatos da “esquerda”. Dessa vez, o texto é escrito pelo jornalista Nárcio Rodrigues, com o seguinte título: “Não tem uma pedra no meu caminho”, falando sobre a impugnação que sofreu a candidatura de Sílvio Santos pelo Tribunal Superior Eleitoral. Exalta a decisão do Tribunal e diz que o Brasil “acordou com uma cara indiscutivelmente mais digna”. Transcreverei um trecho do texto:

*[...] Collor assiste ao espetáculo e torce para Lula. Brizolla é muito mais perigoso. É versátil, habilidoso, negocia bem com a direita e tem anos de janela. **Lula radicaliza. O projeto do PT não tem jogo de cintura. Não compõe nem negocia.** E o preço da coerência pode ser a **derrota** num processo eleitoral onde ainda impera um terrível jogo de interesses. Sem Sílvio, o espetáculo promete ser historicamente marcante. O país está com a cara mais digna por isso.⁶⁰ (negritos meus)*

O texto de Nárcio comemora o afastamento de Sílvio Santos da eleição, tendo em vista que o maior prejudicado com a candidatura do apresentador seria Collor, por isso, afirma o jornalista que não existe mais uma pedra no caminho. Observa-se que a eleição é também um espetáculo, na medida em que a lógica capitalista a transforma em entretenimento e vende a imagem de Collor como um produto a ser consumido nas urnas. Além disso, Nárcio aproveita para criticar o candidato Lula, alegando que o mesmo seria radical e que “o projeto do PT não tem jogo de cintura. Não compõe nem negocia” e ainda afirma que o preço dessa falta de coerência seria a derrota de Lula na eleição. Dessa forma, o jornalista além de desqualificar e diminuir o candidato do PT, também imprime a idéia de que ele “já perdeu” e que sua derrota é algo certo, ou seja, o jogo inverso do que o JC faz com Collor que, ao contrário, imprime a idéia de que ele “já ganhou” e sua vitória é certa.

⁶⁰RODRIGUES, Nárcio. “Não tem uma pedra no meu caminho” 11 de Novembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 12.

Um dia antes da eleição para presidente, em matéria de título: “O Brasil que o novo presidente vai governar”, em 14 de Novembro de 1989, o colunista Ivan Santos direciona seu texto aos empresários e fala sobre problemas econômicos do Brasil que o novo presidente eleito irá encontrar em seu mandato. Veja-se:

*[...] Os mais abalizados economistas prevêem o crescimento da inflação de 40 a 60% depois das eleições e que poderá atingir 100% ao mês da posse do futuro presidente da República, no dia 15 de março e se ficar definido um **candidato de esquerda** com possibilidade de disputar a eleição no segundo turno e **vencer**, então haverá, como nunca uma **corrida contra o dólar**. [...] Só a **colocação ideológica** do futuro governante que vai determinar a **estabilidade da política monetária** do país. E, se o eleito for **Lula**, por exemplo, com a equipe de governo da qual farão parte pelo menos cinco padres e bispos e um pastor protestante, não é difícil de prever onde vai **desaguar**. **O diálogo com os empresários e banqueiros certamente não será dos mais fáceis.**⁶¹*
(negritos meus)

De acordo com Ivan, os problemas econômicos que assolavam o Brasil em 1989, principalmente a inflação, poderiam atingir 100% no mês de março quando o presidente eleito tomar posse. Contudo, assevera que segundo os mais abalizados economistas, se um candidato de “esquerda” vencesse a eleição haveria uma corrida contra o dólar jamais vista. Entendo que o jornalista estava determinado a desencorajar o público leitor em geral e principalmente os empresários de votarem em um candidato da “esquerda”, atribuindo-lhe pontos negativos em relação ao aspecto econômico.

Além disso, afirma que “a *colocação ideológica do futuro governante vai determinar a estabilidade da política monetária do país*”, contudo, adverte e ironiza que se o eleito for Lula, juntamente com sua equipe composta por padres, bispos e pastores, a situação vai “desaguar” de forma não satisfatória para o país, em função da dificuldade do diálogo entre Lula com os empresários e banqueiros. Diante dessas alegações do jornalista, conclui-se que sua intenção era de minar a candidatura de Lula, forjando a situação de que a economia do país iria afundar com um presidente aliado a ideologias de “esquerda”. Observa-se que o

⁶¹SANTOS, Ivan. “O Brasil que o novo presidente vai governar”. 14 de Novembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 09.

jornalista Ivan informa que seu texto foi baseado no conhecimento dos “mais abalizados economistas” no intuito de dar credibilidade aos seus argumentos. Sobre esse aspecto, Marilena Diniz nos ensina que

[...] para que algo seja aceito como real basta que apareça como crível ou plausível, ou como oferecido por alguém confiável. [...] Esse procedimento é empregado pelas burocracias (empresariais e estatais) por meio do discurso especializado da técnica e da pseudociência, que “provê” os funcionários com informação e o público com desinformação. No caso do Estado, a sutileza consiste em aumentar propositalmente a obscuridade do discurso para que o cidadão se sinta tanto mais informado quanto menos puder raciocinar, convencido de que as decisões políticas estão com especialistas – críveis e confiáveis – que lidam com problemas incompreensíveis para os leigos⁶².

Assim, utilizando-se desse artifício, o jornalista procura atribuir a seu texto credibilidade e confiabilidade buscando conseguir o consenso dos leitores em prol de interesses particulares. De acordo com a autora, a busca do consenso se dá por meio do discurso competente: “o discurso competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado”⁶³. Nesse sentido, para entender o propósito do discurso competente, Marilena Diniz nos apresenta o conceito de “ideologia da competência”, que segundo a mesma consiste em:

A ideologia da competência pode ser resumida da seguinte maneira: não é qualquer um que pode em qualquer lugar e em qualquer ocasião dizer qualquer coisa a qualquer outro. O discurso competente determina de antemão quem tem o direito de falar e quem deve ouvir, assim como predetermina os lugares e as circunstâncias em que é permitido falar e ouvir, e, finalmente, define previamente a forma e o conteúdo do que deve ser dito e precisa ser ouvido.⁶⁴

⁶² CHAUI, Marilena Sousa. *Simulacro e poder uma análise da mídia*. 1ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 9.

⁶³ CHAUI, Marilena Sousa. *O Discurso Competente e outras falas: Cultura e Democracia*. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 200. p. 7.

⁶⁴ CHAUI, Marilena Sousa. *Simulacro e poder uma análise da mídia*. 1ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 76/77.

Assim, os articulistas do jornal querem convencer o leitor que Collor representa o melhor para o Brasil, através do emprego do discurso competente que atribui ao jornal uma forma autorizada de falar sobre política e, dessa forma, conseguirem implantar o projeto de sociedade que atende seus interesses. Nesse sentido, acrescenta ainda Marilena Diniz que no discurso do conhecimento a ideologia opera com a figura do especialista, que é aquele que *“explica e interpreta as notícias e os acontecimentos econômicos, sociais, políticos, culturais, religiosos e esportivos, aquele que devassa, eleva e rebaixa entrevistados, zomba, premia e pune calouros – em suma, o “formador de opinião” e o “comunicador”*.”⁶⁵ Percebe-se que, o propósito do especialista é formar opinião, ser subsídio para que o leitor forme conceitos e acabe por interiorizar a ideologia difundida por este especialista.

Ocorre que, na verdade, a ameaça que a vitória de um candidato da esquerda representa para a classe dirigente da cidade é tão grande que a equipe do Jornal Correio se empenhou ao máximo para evitar que isso acontecesse de fato. Isso porque, se um candidato como Lula fosse eleito presidente e colocasse em prática seus projetos sociais voltados para os trabalhadores tais como o da reforma agrária, provocaria uma quebra no sistema capitalista e os maiores prejudicados seriam as grandes empresas, os grandes latifundiários e a minoria que se beneficia dessa forma de governo, o que é totalmente contrário aos interesses dos proprietários do jornal.

⁶⁵ CHAUI, Marilena Sousa. *Simulacro e poder uma análise da mídia*. 1ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p.77.

CAPÍTULO 2 – O segundo turno da eleição para presidência da república de 1989.

Este capítulo destina-se a analisar as articulações realizadas pelo JC em nome da classe dominante que este representa, com o objetivo de que Lula não chegasse a se eleger presidente da república e, conseqüentemente, Collor saísse vitorioso no segundo turno, ocorrido em 17 de Dezembro de 1989.

Pois bem, um dia após a votação do primeiro turno - realizado no dia 15 de Novembro de 1989 – o Jornal Correio faz a cobertura da eleição em Uberlândia e publica matéria com a foto de página inteira do prefeito Virgílio Galassi depositando seu voto na urna, com a seguinte legenda em destaque: “Virgílio vota em Maluf e Ronan Tito elogia Ulysses”. Ainda no dia 16 de Novembro de 1989, o jornalista Nárcio Rodrigues publica matéria de título: “Entre o novo e o novo”, fazendo um apanhado sobre a eleição que ocorreu um dia antes e a formação do segundo turno entre Collor e Lula. Vejamos alguns trechos:

*[...] Não há dúvidas de que a **direita vai se organizar em torno de Fernando Collor de Mello. Lula representa a radicalização e a esquerdização do governo. É a proposta socialista para o país.** Tanto Lula quanto Collor representam uma ruptura com a realidade. Resta analisar quem rompe mais com o que está aí. Talvez seja Lula. Mas isto não rouba de Collor as condições de **candidatura reformista, com propostas avançadas, em sintonia perfeita com o que se pode chamar de social democracia.** [...] **Lula é a proposta socialista. Sua candidatura pecou, no primeiro turno, pelo excesso de radicalismo.** Seu discurso, agora deve ser abrandado para contemplar o interesse dos diversos segmentos da esquerda.⁶⁶ (negritos meus)*

Veja-se a forma como o jornalista articula suas percepções sobre Collor e Lula em face do segundo turno da eleição. Sobre Collor, Nárcio afirma que sua candidatura é reformista “*com propostas avançadas, em sintonia perfeita com o que se pode chamar de social democracia*”, contudo, o candidato Lula não recebe o mesmo tratamento, haja vista

⁶⁶RODRIGUES, Nárcio. “Entre o novo e o novo” 16 de Novembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 07.

que o jornalista acredita que este “*representa a radicalização e a esquerdização do governo*” e ainda, que Lula pecou pelo excesso de radicalismo no primeiro turno e deve abrandar seu discurso para segundo turno das eleições. Diante dessas articulações realizadas por Nárcio é possível vislumbrar a maneira como é construído o perfil do candidato que o jornalista quer ver vitorioso no segundo turno, bem como, daquele que o mesmo quer ver derrotado, o que se faz em prol dos interesses particulares que permeiam o Jornal Correio.

Um pouco mais adiante, no dia 26 de Novembro de 1989 o JC em sua coluna “Correio de Domingo” publica em forma de manchete, entrevista com o ex-governador Rondon Pacheco com a seguinte legenda em destaque: “Para Rondon, Collor é a modernidade”. Durante a entrevista, Pacheco diz que “*o povo está escolhendo bem porque escolheu Collor, eu mesmo votei nele*”⁶⁷ e ainda diz que a candidatura de Maluf é como “*café requentado*”, dizendo ter defendido dentro do PSD, o apoio do partido à candidatura de Collor. No dia 06 de Dezembro de 1989 – poucos dias antes da realização do segundo turno das votações para presidente que ocorreu em 17 de Dezembro de 1989 – o colunista Luiz Fernando Quirino, produz texto de título: “E se Lula se afastar do proletariado?” falando a respeito de uma pesquisa de intenções de votos realizada na Universidade Federal de Uberlândia que apontava Lula como o vencedor no segundo turno da eleição para presidente. Passo a transcrever alguns trechos:

[...] A pesquisa realizada na Universidade Federal de Uberlândia acabou mostrando a vitória de Lula na preferência de seu eleitorado altamente elitizado. Se Lula passa a ser o ídolo dos estudantes, servidores e professores de uma universidade, alguma coisa está errada. O povo não tem acesso à universidade. Não tem acesso sequer a escola pública do Segismundo. O meio acadêmico é altamente burguês. [...] Lula, o metalúrgico de São Bernardo já não existe mais. É um homem que correu o mundo, que foi a Roma e viu o Papa, que se hospeda em hotéis de cinco estrelas. A escola de samba que assistíamos subindo em caixotes de cerveja, já não é mais do povo. Já é um espetáculo fechado, um bando de passistas que se mistura com artistas famosos e que passa numa louca corrida pelo estreito corredor do que foi a Rua Marquês de Sapucaí. Passou a ser um show da Rede Globo. O grande perigo é

⁶⁷UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. “Para Rondon, Collor é a modernidade”: Correio de Domingo. 26 de Novembro de 1989. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 05.

quando as coisas se afastam do povo. Ou as pessoas. Apenas para refletir. ⁶⁸ (negritos meus)

Afirma o colunista que se Lula passou a ser o ídolo dos estudantes, servidores e professores de uma universidade é porque alguma coisa estava errada. Para o jornalista, o público de Lula deveria ser restrito à massa popular composta pelos operários, proletariados e analfabetos. Sendo inconcebível o fato de que o meio acadêmico formado por um público altamente elitizado, letrado e esclarecido esteja do lado de Lula. Em outras palavras, Quirino entende que para votar em Lula a pessoa não pode ter estudo e tem que ser pobre. Diferente disso, se o indivíduo for instruído, estudado e classe média não há razões que justifiquem votar em Lula para presidente.

Quirino tenta construir a idéia de que Lula, o metalúrgico de São Bernardo já não existe mais, já não é mais do povo, que é um homem que se hospeda em hotéis cinco estrelas e que ele se afastou do proletariado. Por fim, diz que o grande perigo é quando as coisas, ou as pessoas se afastam do povo. Diante desse texto do colunista é possível perceber que seu intuito é colocar em cheque a imagem, a credibilidade e o caráter de Lula, afirmando que ele se desvirtuou da sua causa maior que é a classe trabalhadora, na tentativa de abalar e enfraquecer sua candidatura para a eleição do segundo turno.

Continuando a desmerecer o candidato Lula em suas produções e com o emprego de bastante ironia, o jornalista Luiz Fernando Quirino, passados apenas dois dias após a matéria anterior, em 09 de Dezembro de 1989, publica o seguinte texto: “Uma questão de estética”. Vejamos:

*[...] Se a gente der uma olhadela no futuro, **esteticamente não pode votar em Lula**. Até porque vai ser engraçado o locutor da Presidência da República anunciar na hora da formação da rede nacional de emissoras:*

*- Está formada a rede nacional de rádio e televisão para a mensagem do Exmo. Sr. Presidente da República, **Lula**.*

Aí aparece Lula de paletó e gravata e diz:

*- **Companheiros e companheiras... Os que votaram “ni mim!”***

⁶⁸QUIRINO, Luiz Fernando. “E se Lula se afastar do proletariado”: Caderno de política. 06 de Dezembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 08.

*Imagine – apenas por imaginar – Lula no palanque de 7 de Setembro, com as tropas desfilando para ele. Se Lula tivesse uma farda, até lembrava Fidel Castro. Parodiando Vinícius, na política a elegância é fundamental. [...] Por outro lado, **Collor de Mello** tem cara, pinta e jeito de play-boy. Vejo Collor na televisão, igualzinho padrinho de casamento. **Bem vestido, elegante**, esperando o momento de cumprimentar os noivos. Foram estas duas alternativas que sobraram e numa delas teremos que votar.* ⁶⁹
(negritos meus)

É nítido como o jornalista ridiculariza o candidato Lula. Chega ao ponto de dizer que ele cometeria erros de português durante seu discurso em rede nacional, que Lula é deselegante e que esteticamente falando, o povo não pode votar no candidato do PT. Contudo, no que se refere a Collor, Quirino o classifica como elegante e bem vestido. Após fazer essas classificações, o colunista ressalta que essas foram as duas alternativas que sobraram e que o povo terá que decidir e escolher um deles, Collor ou Lula, no segundo turno. Sem sombra de dúvidas, o jornalista quer influenciar o público leitor a não votar em Lula, forjando uma imagem negativa do candidato do PT, ao passo que, ao falar de Collor o colunista se empenha em criar uma imagem positiva de um candidato elegante e esteticamente compatível ao cargo de presidente da república.

No intuito de evitar que Lula vencesse o segundo turno, no dia 13 de Dezembro de 1989, o Jornal Correio publica extensa matéria sobre reforma agrária, de autoria de José Pereira Espíndola⁷⁰, com o título: “As poderosas forças que apóiam Lula”. Durante o texto, o autor apresenta uma série de países que fizeram reforma agrária e não tiveram êxito, sendo eles: Rússia, China, Portugal, África e Israel. Alguns trechos da matéria é o que passo a transcrever:

*[...] A teoria marxista da **reforma agrária**, é muito bonita e chega a empolgar muita gente. Na **teoria dos que apóiam Lula**, promovendo a reforma agrária, os brasileiros vão ter comida à vontade a preços*

⁶⁹ QUIRINO, Luiz Fernando. “Uma questão de estética”: Caderno de política. 09 de Dezembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 12.

⁷⁰ José Pereira Espíndola, dentre suas principais atribuições foi vice-prefeito de 1973 à 1976 (período de ditadura militar), diretor da ACIUB, secretário de obras do município. Dedicou boa parte de seu tempo ao distrito industrial, com serviços de tratamento de água, esgoto e terraplanagem, para a implementação de multinacionais americanas como Souza Cruz, Daiwa, Coca-cola, White Martins, etc., como também em projetos ao lado de empresários locais.

baixíssimos. [...] A revolução de 1917 chefiada por Lênin, as propriedades rurais foram invadidas, e divididas, usando-se suposta teoria de que a terra dividida entre muitos, multiplicaria sua produção de alimentos. Porém, logo depois estava provado o erro. Estes agricultores forçados pela Revolução, sem recursos e assistência do Estado, nada produziram e veio a fome e o conseqüente abandono do campo. O governo Russo para salvar seu povo, teve que trocar ouro por alimentos com os EUA e outros países. [...] O Brasil é um país que sempre resolveu os seus problemas sem derramamento de sangue, portanto, eu acredito que podemos encontrar uma saída pacífica para todos os interessados na solução dos sem terra. [...] Temos que construir coisas modernas porque a nossa gente, já acostumou na cidade, não tem mais garra para enfrentar a malária, a febre amarela, os mosquitos que provocam feridas de difícil cura, como os antigos desbravadores da nossa região e de Goiás. [...] As Granjas Rezende e Planalto abastecem Uberlândia e parte do Brasil, de ovos e frangos. Se pixarmos o Alfredo Rezende de rico latifundiário, quebrarmos a Granja e dividirmos suas galinhas com o povo, tenho certeza que irá faltar ovos e frangos no mercado. A miséria e a fome estão nos países que aplicaram a teoria da divisão e a riqueza naquelas que aplicaram a teoria da multiplicação.⁷¹ (negritos meus)

Primeiramente, é preciso desvendar a pretensão desta matéria. Saber o motivo pelo qual o autor do texto apresenta uma série de desvantagens e pontos negativos em relação aos diversos países que realizaram a reforma agrária. Observa-se como a memória sobre a reforma agrária nesses países é forjada por Espíndola. Cumpre esclarecer, que tudo isso está sendo articulado a apenas quatro dias da realização do segundo turno das votações para a presidência da república.

O ponto de partida para responder essas questões é considerar a premissa de que a classe dominante burguesa da cidade de Uberlândia é contra a realização da reforma agrária, por esta ser uma medida que não vai ao encontro dos interesses dos grandes latifundiários e que foge dos anseios de uma sociedade burguesa capitalista. Seguindo este raciocínio, é possível vislumbrar as razões que permeiam a publicação dessa matéria ter se dado a poucos dias do segundo turno da eleição para presidente. Para que o sistema capitalista seja mantido,

⁷¹ESPÍNDOLA, José Pereira. “As poderosas forças que apóiam Lula”. 13 de Dezembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 08.

é preciso que o povo vote em um candidato que tenha propostas voltadas aos interesses econômicos, à elite e aos empresários. Ao passo que, este mesmo governo não deve ter em sua base propostas contrárias ao liberalismo econômico e aos projetos desenvolvimentistas.

Assim, observa-se que a proposta da reforma agrária esbarra no direito à propriedade privada, haja vista que seu objetivo principal é combater os grandes latifúndios e promover a redistribuição de terras para a população. É interessante observar a contribuição do Jornal Correio para que estes projetos burgueses sejam mantidos, notadamente no sentido de forjar uma noção de que se a reforma agrária não logrou êxito em outros países, aqui no Brasil ocorrerá da mesma forma. A exemplo disso, o JC afirma que na Rússia a reforma agrária foi um erro que provocou a fome e a miséria do país, bem como, aponta que na China, Portugal, África e Israel a situação não foi diferente, haja vista que este mesmo sistema de redistribuição de terras foi implantado e foi um fracasso para estes países.

Quando o autor fala das Granjas Rezende e Planalto de Uberlândia, ele afirma que se o dono dessa empresa for considerado latifundiário e ter as galinhas de sua granja distribuídas à população, faltará ovos e frangos no mercado. Isso porque, entende que *“a miséria e a fome estão nos países que aplicaram a teoria da divisão e a riqueza naquelas que aplicaram a teoria da multiplicação.”* Se posicionando dessa maneira, o JC quer construir a idéia de que a reforma agrária é algo prejudicial para o país e que, votar em um candidato que tenha essa proposta de governo, resultaria na mesma miséria que foram submetidos os países narrados na matéria. Portanto, o jornal produz a referida matéria promovendo comparações com outros países que realizaram a reforma agrária articulando e construindo apenas aspectos negativos atribuídos ao fato de terem realizado a redistribuição de terras, com o intuito de forjar no leitor a concepção de que esse projeto não será bom para o Brasil assim como supostamente não foi para os países usados como paradigma.

Na tentativa de construir a vitória de Collor no segundo turno – já que a equipe do JC não logrou êxito nesse objetivo no primeiro turno da eleição apesar de todo esforço empenhado nesse propósito – o jornalista Luiz Ferreira Lima⁷² no dia 15 de Dezembro de 1989, dentro da coluna “Ponto de Vista” escreve texto de título: “Collor Presidente” falando sobre o possível presidente eleito no segundo turno da eleição. A primeira frase do texto de

⁷² Luiz Ferreira Lima é jornalista, contudo, não faz parte da equipe do Jornal Correio de Uberlândia.

Luiz é: “*Fernando Collor de Mello **será** o futuro presidente da República do Brasil.*”⁷³ (negritei). Observa-se que o jornalista afirma categoricamente que Collor será o novo presidente, contudo, o segundo turno apenas se realizará dois dias depois da publicação desta matéria. Dessa forma, antes mesmo da votação eleger o novo presidente, o jornalista define Collor como vencedor. Na tentativa de criar a impressão de que a disputa eleitoral já estava decidida e que Collor seria inevitavelmente o novo presidente. Continuando no texto, Luiz justifica o motivo pelo qual ele atribui a vitória à Collor antes mesmo da votação. Veja-se:

*[...] A **vitória** do Sr. Fernando Collor de Mello **não é novidade** para nós, que há meses analisamos em artigo publicado neste jornal a sua ascensão nas pesquisas sobre a intenção de voto do eleitor. [...] A juventude e a **classe média** estavam à procura de alguém que delas se aproximasse, **pelas propostas e pela idade**, para voltar a crer na possibilidade de ver encaminhados com seriedade e coragem política a solução de muitos e graves problemas nacionais. Esse alguém despontava com o nome de Fernando Collor de Mello, **jovem, bem apessoado e bem falante**, e mais do que isso, **demonstrando conhecer algo de Brasil**. Com seus **40 anos de idade** e uma **proposta de modernidade contrapondo-se à obsolescência das propostas estatizantes de Luís Inácio Lula da Silva**.⁷⁴ (negritos meus)*

O jornalista segue afirmando que a vitória de Collor não é novidade. Atribui isso ao fato de que o candidato é o que a juventude e a classe média esperavam, seja pelas propostas, seja pela idade, haja vista Collor ser jovem contando apenas com 40 anos. Aqui o jornalista retoma a idéia da imagem de Collor como produto a ser consumido nas urnas de 1989. Demais disso, Luiz o classifica como alguém bem apessoado, falante e com propostas modernas, ao contrário de Lula que possui apenas propostas ultrapassadas e estatizantes.

Pois bem, a conclusão que se pode chegar a partir desse texto é a de que o jornalista constrói sobre Collor a imagem de um candidato perfeito para governar o Brasil, tanto é que só faz elogios a ele. Ao passo que, em relação a Lula o jornalista constrói a imagem de um candidato sem qualificações para assumir a presidência, que apresenta apenas propostas ultrapassadas e estatizantes, enquanto Collor representa a modernidade,

⁷³LIMA. Luiz Ferreira. “*Collor Presidente*”: Ponto de Vista. 15 de Dezembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 13.

⁷⁴LIMA. Luiz Ferreira. “*Collor Presidente*”: Ponto de Vista. 15 de Dezembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 13.

apresentando propostas inovadoras e atuais. Para melhor compreender a construção do personagem de Collor como um produto a ser consumido, Marilena Diniz nos ensina o conceito de propaganda política que se desdobra na sociedade de consumo e de espetáculo. Segundo a autora,

[...] essa propaganda recebe o nome de marketing, pois sua tarefa é vender a imagem do político e reduzir o cidadão à figura privada do consumidor. Para obter a identificação do consumidor com o produto, o marketing produz a imagem do político enquanto pessoa privada: características corporais, preferências sexuais, culinárias, literárias, esportivas, hábitos cotidianos, vida em família, bichos de estimação. A privatização das figuras do político como produto e do cidadão como consumidor privatiza o espaço público.⁷⁵

Dessa forma, a exaltação das qualidades de Collor, seus atributos físicos e de seu suposto conhecimento político compõem a propaganda política realizada em prol do candidato, o transformando em produto com o fim de agradar e convencer o eleitor a consumi-lo. Ainda dentro do conceito de propaganda política, a autora cita a figura de Collor como o exemplo mais notável de marketing político no Brasil.

O momento inaugural do marketing político no Brasil foi a campanha eleitoral de Fernando Collor de Mello, em 1989. A apresentação do candidato se realizava por meio de “efeitos especiais”, inspirados nos filmes de “Guerra nas Estrelas”. Seu objetivo era oferecer a “marca do produto”, no caso a modernidade e o destemor do candidato. Este, sempre em mangas de camisa, significando que a modernidade estava comprometida com o povo, chegava aos comícios em um helicóptero que, iluminado por holofotes de mil cores, descia às praças, indicando que o candidato vinha do alto, dos céus à terra – um enviado do senhor.⁷⁶

Chamo a atenção para a seguinte questão: a campanha política de Collor como espetáculo, ou seja, a eleição é transformada em entretenimento através da

⁷⁵ CHAUI, Marilena Sousa. *Simulacro e poder uma análise da mídia*. 1ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 43.

⁷⁶ CHAUI, Marilena Sousa. *Simulacro e poder uma análise da mídia*. 1ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 43.

encenação/simulação. As aparições teatrais, a vestimenta e o fato do candidato comparecer aos comícios de helicóptero, são elementos que tiveram a finalidade de viabilizar a venda do produto (Collor) para os consumidores (eleitores), no intuito de que os projetos das classes dominantes fossem implantados.

Apenas um dia antes da realização do segundo turno, em 16 de Dezembro de 1989, o Jornal Correio publica matéria com foto de pessoas que votariam em Collor e de pessoas que votariam em Lula no dia seguinte, ou seja, dia 17 de Dezembro. Em relação aos entrevistados que votariam em Lula no segundo turno, o JC apresenta a foto das seguintes pessoas: Alessandra Ladir (modelo); Rodrigo de Castro Peret (religioso); Carlos Alberto Haddad (cantor) e Fernandinho (jogador de basquete). Observa-se que, em relação a aqueles que votariam em Collor o JC ouviu seis pessoas, ao passo que, em relação a aqueles que votariam em Lula o JC ouviu apenas quatro pessoas. Dentre as justificativas apresentadas para embasar a escolha dessas pessoas por Lula, se destacaram as propostas de caráter social do candidato voltadas para os trabalhadores, melhores condições de vida para a população de baixa renda e principalmente o plano de Reforma Agrária voltado para os “sem terras” com o objetivo de combater a pobreza através da redistribuição de terras advindas dos grandes latifúndios do Brasil.

No que diz respeito aos entrevistados que votariam em Collor, o JC apresenta a foto das seguintes pessoas: Odelmo Leão Carneiro Sobrinho (líder ruralista); Luizote de Freitas (vereador); Genésio de Melo Pereira (presidente da Aciub); Abdulkarin Milken (médico); Rosane Piva (bailarina) e João Batista Camargo Filho (presidente da OAB de Uberlândia). Vejamos o que disseram:

*[...] Entre as seis pessoas ouvidas pelo Correio que votariam em Fernando Collor de Mello, duas levantaram o **espectro da ameaça à democracia para justificar sua posição anti-Lula**. “A OAB sempre propugnou pelo Estado de Direito, e com a eleição de Lula eu fico temeroso de que a **democracia** plena possa ser ameaçada”, diz o presidente da Seção local da Ordem dos Advogados do Brasil, João Batista Camargo Filho. Ele argumenta ainda com uma questão de ordem econômica: a **tendência estatizante** do governo Lula agravaria ainda mais o problema do déficit público. Outro que diz temer **confrontos armados** no caso da eleição do*

*candidato petista é o presidente da Associação dos Hospitais de Uberlândia, Abdulkarin Milken: “os grandes proprietários não vão entregar de bandeja as suas propriedades.” Já o os presidentes da Aciub – Associação Comercial e Industrial de Uberlândia e do Sindicato Rural, Genésio e Odelmo Leão Carneiro Sobrinho, expressaram seus votos da seguinte maneira: Odelmo Leão discorda das **propostas estatizantes** da Frente Popular do Brasil e considera injustificável a idéia de **limitação de área por produtor rural** num país continente, onde temos milhares de hectares a serem ocupados por brasileiros. Na defesa de Collor, ele acredita que o candidato do PRN vá implantar “**um estado moderno e enxuto**”, inclusive com a **privatização** de algumas empresas. O presidente da Câmara Municipal, o vereador Luizote de Freitas (PDS) diz que “o fato de Lula ter se coligado com vários grupos políticos vai fazer dele um presidente que acaba não tendo **responsabilidade perante o próprio governo**.” Já a bailarina do grupo Andanças, vencedora do último Festival de Danças de Uberlândia, Rosane Piva, diz que votará em Collor não tanto por ele, mas por ser **anti-Lula**.⁷⁷ (negritos meus)*

De acordo com a opinião dos entrevistados que votariam em Collor no segundo turno, é possível identificar quais são os projetos e os interesses por eles defendidos. Primeiramente, são anti-Lula, justificando essa posição pela suposta ameaça à democracia que Lula representa para eles. Outra característica atribuída ao candidato do PT é que seu governo é a favor da estatização, o que seria um problema de ordem econômica para o país. Outra questão levantada pelos entrevistados diz respeito à Reforma Agrária, notadamente no que se refere ao temor de que existam confrontos armados na disputa por terras, haja vista que “os grandes proprietários não vão entregar de bandeja as suas propriedades” conforme alegado pelo presidente da Associação dos Hospitais de Uberlândia, Abdulkarin Milken. Nesse sentido, o presidente do Sindicato Rural, Odelmo Leão Carneiro Sobrinho, também entende que as propostas estatizantes de Lula são prejudiciais ao país, haja vista que o ruralista defende a privatização de empresas para implantação de “um estado moderno e enxuto.” Além disso, ainda considera “injustificável a idéia de limitação de área por produtor rural” sob o argumento de que o Brasil é um país que possui milhares de hectares a serem ocupados, não havendo, então, necessidade de desapropriar os grandes latifundiários.

⁷⁷UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. “Pessoas que votariam em Collor e pessoas que votariam em Lula no segundo turno”: Correio de Domingo. 16 de Dezembro de 1989. Jornal Correio de Uberlândia, Uberlândia – MG. p. 11.

Percebe-se que os interesses e projetos defendidos pelos entrevistados na matéria supracitada são: de ordem econômica com a manutenção do sistema capitalista e com o liberalismo (pouca intervenção do Estado na Economia); contra a estatização; contra a redistribuição de terras por meio da Reforma Agrária; a favor da manutenção das propriedades privadas e grandes latifúndios e a favor da privatização de empresas no Brasil. Feitas essas pontuações sobre quais são os interesses dos defensores de Collor, resta claro que as propostas de Lula não atendem os anseios desses empresários e demais eleitores burgueses da classe média de Uberlândia. Assim, está explicado o motivo deles serem declaradamente “anti-Lula”.

Primeiramente, chamo a atenção para a seguinte questão: os articulistas do Jornal Correio, bem como os entrevistados que votariam em Collor no segundo turno, atacaram os projetos da Frente Brasil Popular e ao mesmo tempo reafirmaram os seus. Também chamo a atenção para o fato de que, tais projetos neoliberais anos mais tarde foram efetivamente confirmados no governo de Fernando Henrique Cardoso. Nesse cenário, a política de privatização de empresas no Brasil figura como um dos principais exemplos de concretização dos projetos da classe dominante. Na obra de Aloysio Biondi⁷⁸ “O Brasil Privatizado”, o autor demonstra vários dos péssimos negócios realizados pelo governo brasileiro durante a política de privatização – principalmente na administração de Fernando Henrique Cardoso – os quais foram realizados à custa do patrimônio público. Nesse sentido, dialogar com a referida obra foi de grande importância para a problematização dessas questões.

Biondi enumera diversas privatizações realizadas pelo governo, bem como os gastos gerados aos cofres públicos, tais como: a venda das empresas telefônicas que, de acordo com o autor, o governo investiu 21 bilhões no setor e vendeu por apenas 8,8 bilhões de reais; a venda do Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj), na qual “o comprador pagou apenas 330 milhões de reais e o governo do Rio tomou, antes, um empréstimo dez vezes

⁷⁸ Jornalista econômico, colaborou durante 44 anos com reportagens e análises para jornais e revistas. Começou na *Folha de S. Paulo* em 1956, ocupando o cargo de editor-executivo do caderno de Economia, que o jornal (já) mantinha na época. Ocupou os cargos de secretário de redação da *Folha de S. Paulo* e da *Gazeta Mercantil*. Foi diretor de redação do *Jornal do Comércio* (RJ) e do *Diário Comércio & Indústria* (SP). Também foi editor de economia das revistas *Veja* e *Visão* e editor de mercado de capitais (“pioneiro”, em 1969) de *Veja* e do jornal *Correio da Manhã*. Foi diretor editorial do grupo DCI/Shopping News. Ganhou dois Prêmio Esso de Jornalismo Econômico: 1967, revista *Visão*, e 1970, revista *Veja*. Faleceu em julho de 2000, na cidade de São Paulo.

maior, de 3,3 bilhões de reais, para pagar direitos dos trabalhadores”.⁷⁹ Destaca ainda o autor, o prejuízo causado na venda da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e na privatização da Rodovia Bandeirantes em São Paulo. Segundo o entendimento do autor, a privatização no Brasil pode ser resumida da seguinte forma:

Assim é a privatização brasileira: o governo financia a compra no leilão, vende “moedas podres”⁸⁰ a longo prazo e ainda financia os investimentos que os “compradores” precisam fazer – até a Light recebeu um empréstimo de 730 milhões de reais no ano passado. E, para aumentar os lucros dos futuros “compradores”, o governo “engole” dívidas bilionárias, demite funcionários, investe maciçamente e até aumenta tarifas e preços antes da privatização.⁸¹

Nesse sentido, observa-se o quão descomprometido foi o governo de Fernando Henrique para com o patrimônio público que é oriundo dos altíssimos impostos pagos pela população. Além disso, destaca-se o enorme prejuízo ao tesouro nacional, o que resulta na precária prestação dos serviços públicos, apesar das tarifas e taxas cobradas dos usuários serem cada vez maiores. Biondi destaca também o papel fundamental exercido pelos meios de comunicação neste processo, no qual a imprensa e a mídia televisiva foram poderosas aliadas do governo para viabilizar a privatização no Brasil. Segundo o autor, “houve uma intensa campanha contra as estatais nos meios de comunicação, verdadeira “lavagem cerebral” da população para facilitar as privatizações”⁸², sob o argumento de que os preços seriam mais baixos e haveria uma melhora significativa na qualidade dos serviços. Segundo o autor, os meios de comunicação agiam como porta voz do governo no intuito de manipular a opinião pública:

O governo Fernando Henrique Cardoso implantou as privatizações a preços baixos, financiou os “compradores”, sempre alegando não haver outros caminhos possíveis. Como foi possível ao governo agir com tal

⁷⁹BIONDE, Aloysio. O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 07.

⁸⁰Segundo Aloysio Biondi, o termo “moedas podres” consiste em títulos antigos emitidos pelo governo e que podiam ser comprados por até 50% do seu valor.

⁸¹BIONDE, Aloysio. O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 08.

⁸²BIONDE, Aloysio. O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 10.

*autoritarismo, transferindo o patrimônio público, acumulado ao longo de décadas, a poucos grupos empresariais que nem sequer tinham dinheiro para pagar ao Tesouro? Como explicar a falta de reação da sociedade? Sem sombra de dúvida, os meios de comunicação, com seu apoio incondicional às privatizações, foram um aliado poderoso. Houve a campanha de desmoralização das estatais e a ladainha do esgotamento dos recursos do Estado.*⁸³

Resta incontroverso que, tal campanha difamatória contra as estatais promovida pelos meios de comunicação teve como objetivo fazer com que a população acreditasse que esse era o único e o melhor caminho a ser tomado pelo governo, evitando ainda a resistência e a oposição dos brasileiros. Diante do exposto, conclui-se que, a privatização no Brasil não existe para favorecer a população, mas sim os grandes grupos empresários e principalmente as multinacionais que buscam sempre obter lucros cada vez maiores. Lembrando que, a privatização e a não estatização são os principais projetos defendidos pela classe dominante de Uberlândia representada tanto pelos entrevistados que votariam em Collor no segundo turno, quanto pelos proprietários do Jornal Correio.

Pois bem, passo agora a analisar as matérias publicadas após a vitória de Collor no segundo turno realizado em 17 de Dezembro de 1989. O colunista Ilacir Gonçalves do Amaral escreve matéria de título: “A intransigência do PT” em 19 de Dezembro de 1989, onde o jornalista fala sobre a entrevista dada pelo vice-presidente do diretório municipal do partido em Uberlândia, Gilberto Neves. Na entrevista concedida a TV Triângulo (Rede Globo), Gilberto disse que o PT vai adotar como estratégia de oposição ao presidente eleito, Fernando Collor de Mello, a luta para que o novo governo execute o seu programa, ou seja, o programa do PT. Seguem alguns trechos:

*[...] Só que esqueceu-se o Sr. Gilberto Neves, que **o povo não votou no programa de governo do PT** que, se me permitem opinar, é um programa retrógrado e ultrapassado. [...] É notório que os votos alcançados por Luís Inácio Lula da Silva no segundo turno, foram conseguidos graças aos apoios políticos dados pelos candidatos derrotados no primeiro turno, Mário Covas, Roberto Freire e Leonel Brizola. Pode-se dizer com*

⁸³BIONDE, Aloysio. O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 21.

*segurança que se não fosse o apoio do ex-governador Leonel Brizola, que conseguiu transferir para Lula praticamente todo o seu eleitorado, o Brasil estaria presenciando um verdadeiro massacre de votos em favor de Collor nesse segundo turno. [...] O povo aprovou o programa de governo do ex-governador de Alagoas, que conseguiu se eleger presidente da República sem o apoio e sem a conseqüente transferência de votos de candidatos derrotados. Em suma, Collor ganhou a eleição sozinho, o que significa dizer que a grande maioria do povo brasileiro aprovou seu programa de governo, que deve ser respeitado pelos partidos derrotados.*⁸⁴
(negritos meus)

Cumpre lembrar que o colunista Ilacir Gonçalves do Amaral é também editor assistente do Jornal Correio de Uberlândia. De acordo com Ilacir, o PT possui um programa de governo retrógrado e ultrapassado, o qual não deve ter aplicabilidade tendo em vista que o presidente eleito foi Collor e não Lula. Acrescenta ainda que Lula só não foi massacrado por Collor no segundo turno devido aos apoios políticos que recebeu de Leonel Brizola, Mário Covas e Roberto Freire, sendo que para o jornalista, Brizola não só apoiou Lula como transferiu todo seu eleitorado a ele no segundo turno. Em contrapartida, afirma o jornalista que Collor se elegeu sozinho à presidência da república, não contando com nenhum apoio político e transferência de votos.

Contudo, razão não assiste ao nobre colunista. Segundo o site oficial do governo Ipeadata, no segundo turno da eleição o candidato Collor recebeu 53,03% e Lula 46,97% dos votos válidos a nível nacional. Em relação aos votos recebidos em Uberlândia, o candidato Collor recebeu 62,35% e o candidato Lula 37,65% dos votos válidos na cidade.⁸⁵ Além disso, não se pode ignorar o apoio político que Collor recebeu dos eleitores de Afif Domingos (PL) e de Paulo Maluf (PDS). Da mesma forma, houve a transferência dos votos dos eleitores destes candidatos para Collor no segundo turno, o que contribuiu significativamente para sua vitória. Além disso, Ilacir não pode desprezar o apoio decisivo que Collor teve dos meios de comunicação de massa para se eleger presidente da república. A mídia televisiva e a imprensa foram os aliados mais poderosos da classe dominante para buscar o consenso da população no sentido de que Collor era o candidato ideal, mais preparado, jovem, moderno, democrata e

⁸⁴ AMARAL, Ilacir Gonçalves do. “A intransigência do PT”. 19 de Dezembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 01.

⁸⁵ Site Ipeadata: <http://www.ipeadata.gov.br>, consulta realizada em Agosto de 2013.

digno de ocupar o cargo máximo de chefe do poder executivo do Brasil. Contudo, propositalmente, essas questões são ocultadas com o intuito de serem esquecidas pela população.

O autor Venício A. de Lima⁸⁶, no artigo “Por que não se avança nas comunicações?” faz significativas críticas e considerações a respeito dos meios de comunicação no Brasil, esclarecendo questões de suma importância para o entendimento e problematização dos temas envolvendo o controle da mídia através das privatizações. De acordo com o autor, desde a década de 1930 decretos do governo determinaram que os sistemas de rádio e televisão fossem explorados pela iniciativa privada. Em decorrência disso, foram formados oligopólios empresariais que além de controlarem a maioria das concessões de rádio e televisão, passaram a controlar também a imprensa, ou seja, os jornais e revistas e, recentemente os principais provedores de internet. Paralelamente a esses oligopólios, Lima destaca também que,

[...] em decorrência da privatização das telecomunicações promovida pelos governos de Fernando Henrique Cardoso na década de 1990, emergiram no setor megaempresas globais que exploram os serviços de telefonia fixa e móvel e, em alguns casos, também os serviços de televisão paga (distribuição de conteúdo).⁸⁷

Nesse sentido, percebe-se que o sistema de comunicações brasileiro em sua totalidade (rádio, televisão, imprensa, telefonia e internet) está sob o domínio dos grandes grupos econômicos, nas palavras de Lima, os chamados oligopólios empresariais. O que ocorreu graças à política do governo que sempre permitiu a exploração das comunicações pela iniciativa privada e, principalmente em razão da privatização das telecomunicações promovida pelos governos de Fernando Henrique Cardoso na década de 1990. Tudo isso apenas reforça o papel decisivo da mídia na consolidação dos projetos da classe dominante,

⁸⁶Venício A. de Lima é jornalista, sociólogo, mestre, doutor e pós-doutor pela Universidade de Illinois; pós-doutor pela Universidade de Miami; professor-titular de Ciência Política e Comunicação aposentado da Universidade de Brasília; fundador e primeiro coordenador do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política da UnB, ex-professor convidado da EPPG-UFRJ, UFPA, UFBA, UCB e UCS, no Brasil, e das universidades de Illinois, Miami e Havana.

⁸⁷LIMA, Venício Artur de. Por que não se avança nas comunicações? In: Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil. Emir Sader (org.), São Paulo, Boitempo Editorial e Flasco Brasil, 2013, p. 208.

haja vista que o controle dos meios de comunicação está nas mãos dessa minoria que busca o controle social através da dominação.

Ainda antes de ser divulgado o resultado das votações, o colunista Nércio Rodrigues em 19 de Dezembro de 1989, escreve a seguinte matéria: “A obrigação de acreditar” com o intuito de dar credibilidade às promessas de governo de Collor. Vejamos:

*[...] Independente de quem tenha votado no dia 17, temos agora a **obrigação de acreditar** nas intenções e nas propostas de governo do eleito. Ninguém tem direito, agora, a **colocar em dúvida as promessas de Fernando Collor de Mello**. [...] As promessas de Collor não são **nem um pouco retrógradas**. Pelo contrário. Estão afinadas com o que há de **moderno** no mundo. É preciso que se dê oportunidade e um **voto de confiança**, para o novo presidente. [...] Além disso, Collor representa uma **última chance para que o capitalismo brasileiro se modernize**. É, pelas suas próprias propostas, **um governo bem intencionado**. No momento, cabe a todos **confiar** nas suas promessas. Este é o dever cívico de quem quer, mais do que ganhar uma eleição, ter um país melhor.* ⁸⁸ (negritos meus)

No entendimento de Nércio, o povo tem a obrigação de acreditar nas propostas de governo de Collor, haja vista que as promessas deste candidato não são retrogradadas e representam tudo o que há de mais moderno. Além disso, o jornalista afirma que Collor representa a última chance para que o capitalismo brasileiro se modernize e diante de suas propostas, o governo de Collor é bem intencionado, merecendo assim, um voto de confiança do povo brasileiro. A questão que salta aos olhos é a suposta busca pela modernização do Brasil, tanto a modernização do capitalismo quanto da administração do governo como um todo. Todavia, na verdade buscava-se um “Brasil ideal” aos interesses burgueses, que foi posteriormente realizado por Fernando Henrique Cardoso. Em oposição a esta idéia, as propostas de governo que não atendiam aos interesses dessa classe, eram chamadas de retrógradadas, ultrapassadas e representam um retrocesso para o país na visão do jornalista.

⁸⁸RODRIGUES, Nércio Rodrigues. “A obrigação de acreditar”. 19 de Dezembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 07.

É possível observar em várias matérias e textos dos colunistas do jornal que as propostas de Collor sempre são classificadas como propostas modernas e atuais, ao passo que, as propostas de Lula sempre são classificadas como ultrapassadas e retrógradas. Dessa forma, o JC ao longo de suas publicações traça esse paralelo entre os candidatos e constrói o perfil de cada um conforme seus interesses e alianças. De modo a viabilizar a vitória daquele candidato que o jornal julga estar em conformidade com seus anseios e conseqüentemente a derrota do candidato que apresenta propostas opostas aos seus objetivos, pois este representa ameaça.

Continuando no dia 19 de Dezembro de 1989, o colunista Luiz Fernando Quirino escreve texto de título: “A maioria silenciosa” se referindo ao silêncio dos eleitores dos candidatos da “direita” em contraste com o barulho dos eleitores dos candidatos da “esquerda”. Vejamos alguns trechos da matéria:

*Positivamente o Brasil não é um país que se deixe levar pela organização e pela disciplina. A tão propalada militância, isto é, dedicação a uma causa ou bandeira, não vence as forças desunidas, dispersas, descompromissadas. Neste finalzinho de embate, tenho que aplaudir o trabalho da Frente Brasil Popular pelo fanatismo quase religioso de seus adeptos. Convictos em torno do socialismo, das mudanças, seus membros, literalmente, **enchiam o saco**. Caminhavam com adesivos colados no peito, com as **assustadoras bandeiras vermelhas** com o símbolo da foice e martelo ou com a estrela. [...] Os desorganizados, os sem comprometimento partidário, os que sempre eram chamados de **maioria silenciosa**, ainda mais uma vez deram a demonstração, em todo o Brasil, que não usam adesivos, não andam com crachás ou distintivos, não lotam os locais dos comícios, mas **aparecem como uma avalanche nas cabines de votação**.⁸⁹ (negritos meus)*

Quirino acredita ser positivo o fato de que o Brasil é um país que não se organiza em torno de uma causa política e que sua população é composta por uma maioria silenciosa, desunida, dispersa e sem comprometimento político. Para o jornalista, o barulho e o fanatismo causado pelos militantes o incomoda. Mesmo porque, segundo ele, de nada adianta caminhar

⁸⁹QUIRINO, Luiz Fernando. “A maioria silenciosa”. 19 de Dezembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 09

com adesivos colados no peito e com assustadoras bandeiras vermelhas se na hora da votação a maioria silenciosa elege os candidatos dos partidos conservadores e de “direita”.

É fato que para as classes dominantes o quanto mais o Brasil for desunido, disperso e descomprometido, melhor. Dessa forma, a população é mais facilmente manipulável e não saberá resistir a dominação imposta pelo governo, devido ao fato de não ter o hábito de se organizar e militar em prol de causas políticas e sociais. Por isso, quando os militantes se organizam para protestarem por suas convicções, acabam por incomodar aqueles que têm interesses opostos, já que assim os manifestantes estarão ensinando o caminho e abrindo precedentes para o povo contestar a forma de governo capitalista burguês que impera no Brasil. Não é por acaso que a equipe do JC articula e constrói suas produções com o objetivo de formar opinião contrária ao movimento “Diretas Já”, tendo em vista que esse tipo de manifestação popular contesta a administração do governo, a dominação de uma classe em relação a outras e luta por direitos sociais, representando assim, uma ameaça ao sistema capitalista e as classes dominantes, conforme já explanado na presente monografia.

Passo a analisar agora, outro texto escrito por Quirino e divulgado no periódico em 23 de Dezembro de 1989, com o título: “Fanatismo versus ideologia”, a respeito da entrevista realizada com militantes do PT em Uberlândia – membros da UTE⁹⁰ – concedida a emissora de rádio local da cidade, conforme transcrevo alguns trechos abaixo:

*O grupo petista da cidade correu para o estúdio de uma emissora de rádio da cidade nessa segunda-feira. O que se ouviu foi **lamentável**. Algumas frases como exemplo: “O seqüestro de São Paulo aconteceu para que a Rede Globo distraísse a atenção do povo”. É absolutamente **desumano** que um cidadão como Abílio Diniz, habituado a uma vida confortável, tenha sofrido a tortura do cativo num cubículo sem luz, desde a segunda-feira **apenas para satisfazer uma jogada política**. [...] Outra frase lapidar: “Vivemos 29 anos esperando e agora teremos que suportar mais cinco anos com este filhote da ditadura”. Santa Maria Mãe de Deus!*

⁹⁰UTE – União dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais foi fundada em 1979 durante o primeiro Congresso dos Educadores de Minas Gerais, que reuniu cerca de 500 delegados de 71 cidades mineiras na Faculdade de Direito, em Belo Horizonte, representando um marco histórico no movimento sindical mineiro e brasileiro. Resultado da luta de trabalhadores que se mobilizaram nas escolas por melhores condições de vida e trabalho, a UET é fundada como entidade combativa, para fortalecer a categoria, reunindo não apenas professores, mas todos os profissionais do ensino. Site UTE: www.sindutemg.org.br/historia Consulta realizada em Julho de 2013.

Então o Sr. Fernando Collor de Mello, eleito pelo povo, voto a voto é a continuação da ditadura? **Será que estes petistas não conseguem sequer raciocinar com clareza?** Não perceberam o que aconteceu neste país? **Mais uma frase idiota:** “Levaram o D. Paulo Evaristo Arns para debater com os seqüestradores e assim, ele que poderia estar ajudando (já imaginaram o cardeal fazendo boca de urna?) ficou sem poder agir, prejudicando Lula”. Mas o PT perdeu em todo o Brasil e como poderia o cardeal estar em todo território nacional ao mesmo tempo? [...] Para completar, outra frase na **desastrada entrevista** concedida a uma emissora de rádio que serviu como **“Muro de Lamentações”**: “Nós da UTE não podemos exercer nossa militância plena porque estivemos envolvidos nas greves do professorado. Mesmo assim conseguimos muito mais votos do que no primeiro turno”. **Que falta de argumentação lógica. A UTE cuida do professorado, não de fazer a militância do PT.** E além do mais, sem Brizola, Covas, Maluf, Afif e Ulysses, é mediana compreensível que os dois candidatos tenham tido mais votos. Isso tudo, fora a acusação de que Uberlândia é uma cidade conservadora que votou em Virgílio Galassi, foi parte do que se pode ouvir das entrevistas que tentaram explicar o que não precisa explicação: **os eleitores não queriam a esquerda socialista em nossa região e ponto final.** [...] **Tive que suportar o patrulhamento ideológico dessa turma durante todo este ano.** Coisas absurdas aconteceram que não trago a público porque serão debatidas a nível de meus superiores aqui no jornal. Até de informante do Exército fui acusado num **covarde telefonema anônimo de um petista.** Não quero usar meu espaço para assuntos pessoais. Mas não entendo como é que **esses elementos** vão até uma emissora de rádio e conseguem mostrar tanto horror ao veredicto de um povo ao qual **tentaram fazer a cabeça** durante um ano de campanha cerrada. [...] Mas, **aqueles petistas** que foram à radio, estes **ainda não alcançaram o estágio da luta no campo das idéias. É fanatismo puro.**⁹¹ (negritos meus)

Em uma primeira análise, o que mais chama atenção no texto é a maneira como Quirino se refere aos militantes do PT, que é extremamente pejorativa e agressiva. O jornalista se refere a esses militantes como: “grupo petista da cidade”, “pessoas que não

⁹¹QUIRINO, Luiz Fernando. “Fanatismo versus ideologia”, 23 de Dezembro de 1989, Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG. p. 06.

conseguem sequer raciocinar com clareza, “lamentáveis”, que dizem frases idiotas, que não possuem capacidade de argumentação lógica, “esses elementos” e por fim “fanáticos”. O tom agressivo de Quirino perdura durante todo o texto, no qual o jornalista faz duras críticas aos militantes do PT. O articulista faz um verdadeiro terrorismo para os leitores.

Na percepção do jornalista, a entrevista dos militantes do PT concedida a uma emissora de rádio de Uberlândia, foi uma espécie de “Muro de Lamentações”, no qual os entrevistados se lamentavam pela derrota de Lula no segundo turno da eleição para presidência da república. Contudo, a percepção do jornalista me parece equivocada. A meu ver, os entrevistados não estavam se lamentando, mas expressando suas impressões em relação à disputa presidencial, os fatores que contribuíram para a vitória de Collor e os fatores que prejudicaram Lula durante a campanha. Um exemplo disso é quando um membro da UTE explica uns dos motivos que impediu a entidade de exercer sua militância plena, qual seja, a greve do professorado. Quirino rebateu essa afirmação dizendo que a UTE nada tem a ver com a militância do PT, mas apenas com o professorado. Ora, o nobre jornalista só pode ter o conhecimento limitado acerca da UTE para fazer tal alegação.

Cumprе ressaltar que a UTE não se limita aos assuntos ligados ao professorado, como quer fazer entender Quirino. A União dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais desde sua criação foi uma das principais forças ativas de enfrentamento à ditadura militar e luta pelos direitos dos trabalhadores e professores, ou seja, era a principal frente militante do PT durante a eleição para presidente de 1989. Nesse sentido, em consulta realizada no site oficial do UTE, foi possível confirmar essas questões para buscar desconstruir o posicionamento de Quirino sobre a UTE.

Em nota disponibilizada no site da entidade, observa-se que a UTE/MG está presente nos principais acontecimentos da história recente do país: luta pela anistia aos presos políticos da ditadura militar, campanha por eleições livres e diretas em 1984, defesa dos direitos dos trabalhadores na Constituição de 1988 e inclusive esteve presente no movimento pelo impeachment de Collor. Promovendo conferências, congressos, plenárias, seminários e greves por melhores condições de vida e trabalho. *“Conquistando avanços e acreditando que só a luta política, consciente, crítica e organizada é capaz de garantir vitórias para a classe*

trabalhadora.”⁹² Dessa forma, conclui-se que a luta da UTE vai muito além da causa do professorado conforme alegado por Quirino.

Outro aspecto relevante do texto de Quirino é que ele afirma ter sofrido perseguições destes militantes do PT, chegando a receber telefonemas anônimos de um petista. Essa frase do jornalista é no mínimo intrigante e contraditória, haja vista que se o telefonema era anônimo, como ele pode afirmar que era de um petista? Percebe-se que os denominados perseguidores, são na verdade, os perseguidos pelos defensores de Collor que querem a manutenção do sistema.

Posteriormente, em 24 de Dezembro de 1989, o Jornal Correio publica na coluna “Correio de Domingo” matéria de título: “Quem ganha e quem perde com Collor” no sentido de apontar aqueles que foram beneficiados com a vitória de Collor, bem como, aqueles que saíram prejudicados com a eleição do novo presidente. Inicia-se a matéria indicando o nome de Raul Belém como sendo a liderança do Triângulo que mais ganha com a vitória de Collor; na sequência aponta o prefeito Virgílio Galassi dizendo que ele está em cotação alta na cidade. A matéria, ainda afirma que o empresário Milton Fernandes assume liderança nova no Triângulo em razão do novo presidente eleito, haja vista ter se tornado presidente do PRN em Uberlândia. Por fim, o JC ainda indica os nomes de Romeo Anísio Jorge (ex-prefeito de Ituiutaba) e de Hugo Rodrigues da Cunha (prefeito de Uberaba) como sendo também favorecidos na região por terem apoiado Collor na eleição.

Em contrapartida, em relação às lideranças que perderam a eleição, o JC aponta os seguintes nomes: Zaire Rezende (candidato a deputado federal em 90); Ronan Tito (que aposta no desgaste do novo governo), e ainda o nome do deputado do PDT, Chico Humberto também é apontado na matéria como “perdedor” no segundo turno das eleições para presidente, haja vista Chico ter sido classificado como “sem candidato no segundo turno” apenas pelo fato de ter decidido não apoiar Collor nem Lula na eleição, contrariando seu partido que apoiou Collor em nível nacional e municipal.

Para o JC, o deputado federal pelo PMDB Raul Belém é a liderança do Triângulo que mais ganha com a vitória de Collor, pois, em meados do ano de 89, Raul foi chamado por

⁹²Site UTE: www.sindutemg.org.br/historia em consulta realizada em Julho de 2013.

Itamar Franco – ressaltou que Itamar era o vice de Collor – para integrar o PRN e apoiar Collor. Foi o coordenador da campanha “collorida” no Triângulo Mineiro e, com a vitória de seu candidato apoiado para presidente, Raul já começou a realizar as articulações para estruturar o novo partido de Collor na região. Em relação a Virgílio Galassi, a matéria afirma que o prefeito de Uberlândia apoiou Collor no segundo turno, pedindo votos publicamente para o candidato do PRN e ainda que o deputado Raul Belém declarou que o apoio de Virgílio foi importante e por causa disso, a cotação do prefeito está em alta. O ex-prefeito de Ituiutaba, Romeo Anísio Jorge foi apontado pelo JC como um “virtual candidato a deputado federal pelo PDS” e apontado como favorecido pela vitória de Collor uma vez que Romeo comandou a campanha do candidato do PRN no pontal do Triângulo e, depois de sua vitória na eleição, passou a liderar a estruturação do partido de Collor naquela região.

Em relação aos desfavorecidos com a vitória de Collor, o JC afirma que as lideranças do PMDB ficaram prejudicadas, pois, em sua maioria apoiaram Lula no segundo turno, sofrendo assim, uma derrota dupla: primeiro com o candidato do partido, Ulysses Guimarães e depois com o candidato da Frente Brasil Popular. Na matéria, o senador Ronan Tito também é apontado como desfavorecido, tendo em vista que havia se lançado candidato a governador de Minas Gerais, saindo enfraquecido com a vitória de Collor. Para o JC, a situação dele se agrava mais ainda mais com a adesão do governador Newton Cardoso a Collor. No que tange ao ex-prefeito de Uberlândia, Zaire Rezende para o JC *“sua situação não é nada boa”*, visto que ele perdeu a eleição para a prefeitura em 88 e em 89 perde também a eleição presidencial em primeiro e segundo turnos. Contudo, o JC faz a seguinte declaração sobre Zaire: *“Resta saber se, apesar de tudo, ele tem cacife suficiente para superar essa fase em baixa e conseguir votos suficientes para se eleger deputado federal no ano que vem”*⁹³.

Observa-se que, as análises e impressões proferidas pelo Jornal Correio nessa matéria só confirmam as alianças políticas estabelecidas entre o próprio JC para com os partidos políticos apontados na matéria como “as lideranças que se beneficiam com a vitória de Collor”. Isso porque, durante todo o ano de 1989, o JC através de seus colunistas e jornalistas em geral, publicou diversos textos e matérias indicando de que “lado” estava na disputa pela presidência da república, ou seja, se posicionou esse tempo todo a favor de

⁹³ UBERLÂNDIA, Jornal Correio de. *“Quem ganha e quem perde com Collor”*: Correio de domingo. 24 de Dezembro de 1989. Jornal Correio Uberlândia. Uberlândia – MG. 15.

Collor, mantendo a linha conservadora e elitista do Jornal consagrada desde sua criação. Nesse sentido, conforme afirma a autora Maria do Pilar de Araújo “*faz parte do exercício do poder ocultar a diferença, a contradição, decidindo o que deve ser lembrado, como deve ser lembrado e, em contrapartida, o que deve ser esquecido*”.⁹⁴ Assim, observa-se que a imprensa tem o poder de formar opiniões, estabelecer alianças e defender projetos de governo conforme seus interesses particulares.

Diante do exposto, acredito que a imprensa não pode ser vista como um espelho do passado. Deve ser na verdade, vista como uma prática constituinte da realidade social. A imprensa tem o poder de estabelecer alianças, mobilizar opiniões, privilegiar determinado candidato em detrimento de outros, enfim, constrói o perfil do candidato a ser eleito de acordo com seus pactos e interesses.

⁹⁴ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. A pesquisa em História. São Paulo: Ática, 3ª ed., 1995, p. 27

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia buscou entender como o Jornal Correio mobiliza seus leitores através de suas produções, articulando e construindo suas publicações e posicionamentos para viabilizar a efetivação dos projetos de sociedade que atendem a classe dominante da qual faz parte. Para esta referida classe, os projetos defendidos eram de cunho econômico, com a manutenção do sistema capitalista, com pouca intervenção do Estado na economia e com incentivo a privatização de empresas estatais. Além disso, os burgueses defensores desse posicionamento eram contra a realização da reforma agrária e demais projetos sociais voltados à melhoria das condições de vida da população brasileira, o que demonstra total descaso com relação à classe trabalhadora, visando apenas atender os anseios de uma minoria dominante.

É interessante observar que tais projetos de sociedade que estavam em construção durante o ano de 1989, foram mais tarde concretizados não por Collor, mas por Fernando Henrique Cardoso, notadamente no que diz respeito às privatizações realizadas na década de 90 durante seus governos e também em relação a não realização da reforma agrária, que é um projeto social nunca efetivamente concretizado no Brasil.

Nesse sentido, o autor João Pedro Stedile,⁹⁵ que é membro do MST, tem artigo publicado no site com o título de “Cadê a Reforma Agrária?” onde conceitua a reforma agrária sob a ótica do movimento dos sem terra, bem como, realiza considerações sobre as razões que inviabilizam a efetiva redistribuição de terras no Brasil. Segundo Stedile,

No Brasil nunca houve um programa de reforma agrária verdadeiro porque, na verdade, as desapropriações de latifúndios tem sido muito mais fruto da pressão social dos movimentos, do que de um amplo programa de reforma agrária dos governos. Assim, entra governo, sai governo, e a luta pela reforma agrária continua sempre igual. Durante os governos Lula e Dilma, os movimentos sociais achavam que a reforma agrária, enquanto

⁹⁵ João Pedro Stedile faz parte da Direção Nacional do MST.

*programa de governo poderia avançar. Mas infelizmente seguiu a mesma lógica. Só anda, nas regiões e locais aonde houver maior pressão social.*⁹⁶

Ainda afirma o autor que, quanto mais concentrada a propriedade da terra num país, mais injusta e antidemocrática é a sociedade. Contudo, por que nos governos Lula e Dilma a realização da reforma agrária não se efetivou? De acordo com o autor, esses governos ficaram reféns das artimanhas das elites, tendo em vista que *“as elites cederam parte do poder executivo, mas mantém controle quase absoluto do poder judiciário, do legislativo, das polícias e, sobretudo mantém a hegemonia ideológica através do controle da mídia.”*⁹⁷ Demais disso, explica que existe uma ofensiva do grande capital sobre o processo produtivo da agricultura, resultado de uma aliança entre os fazendeiros e as empresas transnacionais que produziram o agronegócio. Ressalta o autor que

*[...] esse modelo está dando certo para essa minoria de capitalistas, uma vez que dá lucro, aumenta a produção, e com isso aumentaram os preços e a renda da terra. Dessa forma, o governo se torna refém das alianças conservadoras, impedindo que a reforma agrária seja de fato realizada no Brasil.*⁹⁸

Assim, o projeto da reforma agrária é oposto aos interesses da classe dominante. Razão pela qual, em 1989 a vitória de um candidato como Lula era inadmissível. Para os burgueses conservadores era totalmente reprovável a idéia de que fosse eleito um presidente que implantasse um projeto que afronta toda a estrutura de um país constituído em torno dos grandes latifúndios. Traçando um paralelo entre o ano de 1989 com a contemporaneidade, ou seja, o ano de 2013, observa-se que promover a reforma agrária hoje no Brasil seria o mesmo que ir contra o agronegócio que promove a exportação de grãos para o mundo inteiro, ir contra as empresas transnacionais que dominam a economia mundial, os grandes fazendeiros que promovem a produção de grãos, ou seja, seria o mesmo que ir contra o sistema capitalista como um todo. Decorre dessas questões a tamanha reprovação e temor da classe dominante em relação à realização da reforma agrária, o que impede sua concretização de forma efetiva no Brasil.

⁹⁶STEDILE, João Pedro. *Cadê a Reforma Agrária?* 24 de Junho de 2012. Site MST: www.mst.org.br/biblioteca/reformaagraria/artigos Consulta realizada em Julho de 2013.

⁹⁷STEDILE, João Pedro. *Cadê a Reforma Agrária?* 24 de Junho de 2012. Site MST: www.mst.org.br/biblioteca/reformaagraria/artigos Consulta realizada em Julho de 2013.

⁹⁸ Idem

Stedile nos alerta para o fato das elites manterem a hegemonia ideológica através do controle da mídia. Compartilhando do entendimento do referido autor, a meu ver, a mídia televisiva e a imprensa foram os aliados mais poderosos da classe dominante para buscar o consenso da população no sentido de que Collor era o candidato ideal, mais preparado, jovem, moderno, democrata e digno de ocupar o cargo máximo de chefe do poder executivo do Brasil. Contudo, propositalmente, essas questões são ocultadas com o intuito de serem esquecidas pela população.

Observa-se que, da mesma forma a Rede Globo procedeu em relação ao contemporâneo movimento dos “20 centavos”⁹⁹ haja vista que a emissora ocultou os aspectos positivos das manifestações, dando demasiado destaque ao lado perverso dos protestos e ênfase ao vandalismo dos manifestantes, depredações do patrimônio público em detrimento da divulgação das causas e objetivos do movimento. Nesse sentido, percebe-se que assim como o JC em 1989 buscava ocultar certos fatos e destacar outros, o mesmo ocorre em 2013 através da mídia televisiva, ressaltando que em ambos os casos a motivação é a mesma: a manutenção do sistema capitalista burguês a serviço das classes dominantes.

Segundo Marilena Chauí, “*a ideologia está a serviço da dominação*”¹⁰⁰, ou seja, a ideologia é usada para obter a identificação dos sujeitos sociais e assegurar que estes sejam mantidos sob o domínio das classes dominantes. Através da imprensa, a classe dominante busca legitimar seus projetos por meio da ideologia, no intuito de que seus anseios sejam absorvidos pelas demais classes e ainda, para que a população interiorize os projetos de sociedade defendidos pela burguesia.

Pude concluir que, os projetos de sociedade defendidos pelos articulistas do Jornal Correio de Uberlândia foram concretizados, ou seja, os anseios que estavam no plano das idéias em 1989, hoje são realidade no Brasil. O sistema capitalista burguês, o neoliberalismo, a política das privatizações e a dominação exercida pelos meios de comunicação são aspectos da realidade vivida no presente do país. Dessa forma, nessa disputa vários projetos das classes dominantes foram efetivados, mesmo durante os

⁹⁹Manifestações populares iniciadas em Junho de 2013 na cidade de São Paulo, se estendendo rapidamente a todo Brasil, que apresentou como principais objetivos, dentre vários outros, a luta pela redução da tarifa de transporte público, a redução dos gastos com a Copa das Confederações, a melhoria dos serviços públicos, a conversão dos impostos pagos em prol da população e o combate à corrupção.

¹⁰⁰CHAUI, Marilena Sousa. *O Discurso Competente e outras falas: Cultura e Democracia*. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 200. p. 4.

governos Lula e o atual governo Dilma, devido às alianças conservadoras que imperam e comandam o Brasil.

FONTES

Jornal Correio de Uberlândia, no período compreendido entre Janeiro a Dezembro de 1989. Pesquisa realizada no Arquivo Público de Uberlândia em Agosto a Dezembro de 2012.

Sites:

Ipeadata: www.ipeadata.gov.br em consulta realizada em Agosto de 2013.

MST: www.mst.org.br Consulta realizada em Julho de 2013.

UTE: www.sindutemg.org.br Consulta realizada em Julho de 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. O que significa elaborar o passado. In: Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1960.

BETHELL, Leslie. Política no Brasil: de eleições sem democracia a democracia sem cidadania. In: BETHELL, Leslie (Org.) Brasil: fardo do passado, promessa do futuro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BIONDE, Aloysio. O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

CHAUÍ, Marilena Sousa. O Discurso Competente e outras falas: Cultura e Democracia. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 200.

CHAUÍ, Marilena Sousa. Simulacro e poder: uma análise da mídia. 1ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CRUZ, Faria de Heloisa. PEIXOTO, Cunha da Rosário do Maria. Na oficina do Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. Projeto História, São Paulo, n. 35, Dez 2007.

CRUZ, Faria de Heloisa. PEIXOTO. No avesso das comemorações: memória, historiografia e o bicentenário da imprensa. História & Perspectivas, Uberlândia (39): 11-36, jul.dez.2008.

FERNANDES, Orlanda Rodrigues. Uberlândia Imprensa: a década de 1960 nas páginas do jornal. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

HOBSBAWM, Eric. Sobre Historia Ensaaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIMA, Venício Artur de. Por que não se avança nas comunicações? In: Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil. Emir Sader (org.), São Paulo, Boitempo Editorial e Flasco Brasil, 2013.

MARRA, Teresinha Mendes. O encantador de marajás. Imaginário e História: CLÉRIA BOTÊLHO DA COSTA e MARIA SALETE KERN MACHADO (orgs.) editora: Marco Zero, ISBN: 8527903377, Edição: 1, 1999.

ORTIZ, Renato. Sociedade e cultura. SACHS, Ignacy, Wilhelm, Jorge e PINHEIRO, Paulo Sérgio (Orgs). Brasil: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 184-210.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. A pesquisa em História. São Paulo: Ática, 3ª ed., 1995.

WEFFORT, Francisco. Por que democracia? STEPAN, Alfred (Org.). Democratizando o Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 315-380.